

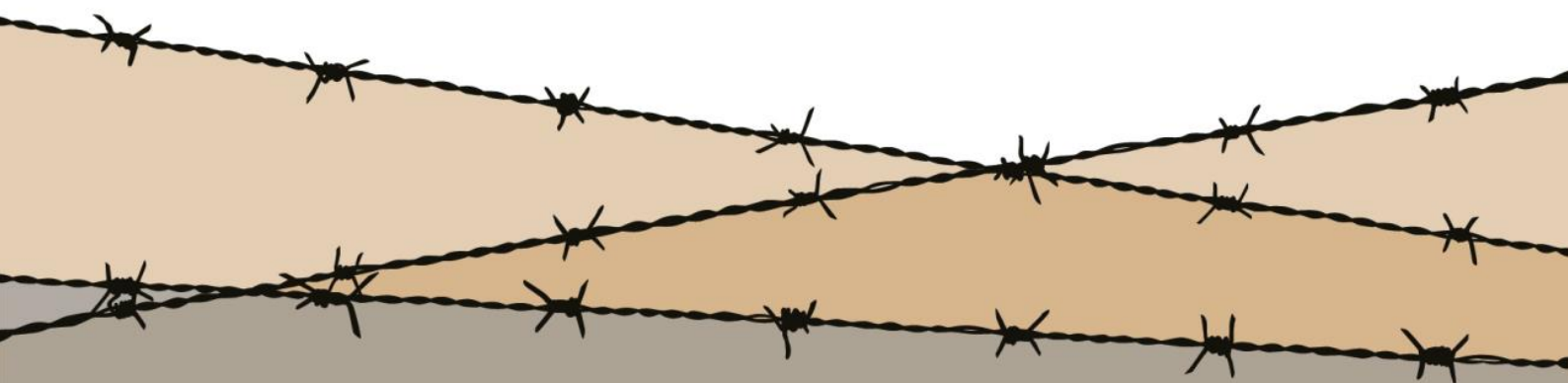
Congresso Internacional “**Exodus: migrações e fronteiras**”

Dias 21, 22 e 23 de setembro de 2016

Departamento de Línguas e Culturas

Universidade de Aveiro

LIVRO DE RESUMOS



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Congresso Internacional “*Exodus*: migrações e fronteiras” – Livro de Resumos

EDITORES

António Manuel Ferreira, Carlos de Miguel Mora, Carlos Morais, Maria Fernanda Brasete, Maria Teresa Roberto, Rosa Lúcia Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA

Abdelilah Suisse (Universidade de Aveiro), Ana Maria Ramalheira (Universidade de Aveiro), Ana Paula Coutinho (Universidade do Porto), Andrés Pociña (Universidad de Granada), Anthony Barker (Universidade de Aveiro), António Manuel Ferreira (Universidade de Aveiro), Aurora López (Universidad de Granada), Carlos Costa (Universidade de Aveiro), Carlos de Miguel Mora (Universidade de Aveiro), Carlos Morais (Universidade de Aveiro), Filomena Louro (Universidade do Minho), Helena Buescu (Universidade de Lisboa), João Duque (Universidade Católica, Braga), Joaquim da Costa Leite (Universidade de Aveiro), Jorge Díaz-Cintas (University College London, UK), José Cândido de Oliveira Martins (Universidade Católica, Braga), Luiz Gonzaga Marchezan (Unesp, Araraquara, Brasil), Lurdes de Castro Moutinho (Universidade de Aveiro), Manuel Aznar Soller (Universitat Autònoma de Barcelona), Maria de Fátima Silva (Universidade de Coimbra), Maria Eugénia Pereira (Universidade de Aveiro), Maria Fernanda de Abreu (Universidade Nova de Lisboa), Maria Fernanda Brasete (Universidade de Aveiro), Maria Helena Carreira (Université Paris 8), Maria Hermínia Amado Laurel (Universidade de Aveiro), Maria Teresa Cortez (Universidade de Aveiro), Maria Teresa Roberto (Universidade de Aveiro), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rosa Lúcia Coimbra (Universidade de Aveiro), Vera Maquêa (Universidade do Estado de Mato Grosso), Xabier Pikaza Ibarrondo (Universidad Pontificia de Salamanca)

CAPA

Vítor Teixeira (SCIRP – UA)

EDIÇÃO

UA Editora

Universidade de Aveiro

Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia

1.ª edição - setembro 2016

ISBN

978-972-789-491-8

FINANCIAMENTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Índice

Painéis temáticos.....	6
Programa	7
Resumos	17
Apoios	101

PAINÉIS TEMÁTICOS

1. Estudos religiosos

Hermenêutica e tradição

Narrativas sagradas

Releituras míticas

2. Estudos literários

Representações da diáspora

Hibridismos genológicos e modais

Intertextualidades

3. Estudos Culturais

Movimentos migratórios

Turismo e experiências

Itinerários e fronteiras

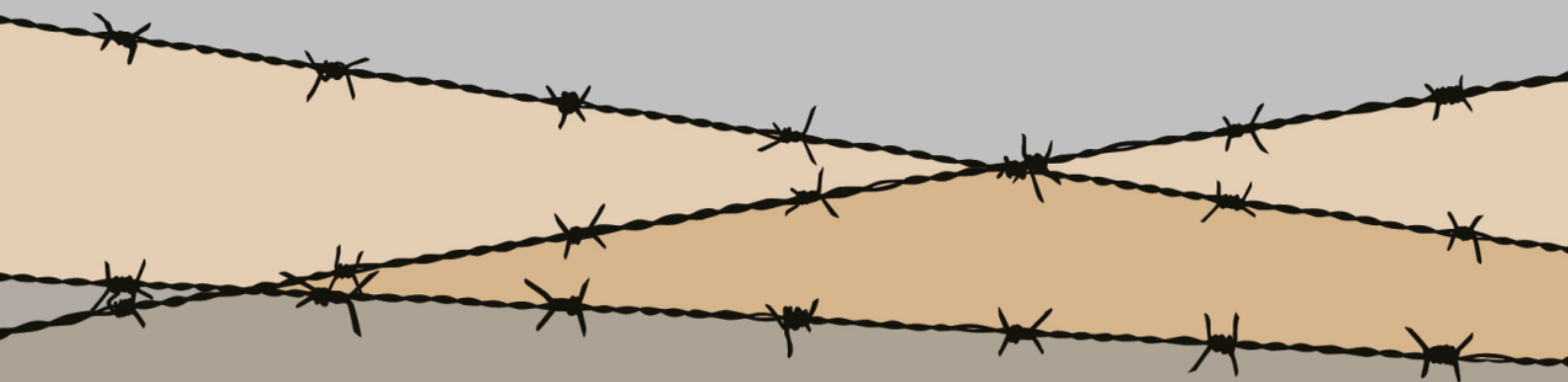
4. Ciências da linguagem

Línguas em contacto

Tradução

Variação e estudos contrastivos

Programa



PROGRAMA

21 de setembro

08h30 – Receção dos participantes e entrega de documentação

09h00 – Sessão de abertura (Anfiteatro 3.1.15)

09h20 – Conferência inaugural (Anfiteatro 3.1.15)

Moderador: António Manuel Ferreira

MARIA FERNANDA DE ABREU (Universidade Nova de Lisboa) – *Fugas. De uma menina escocesa na Europa de setecentos*. Lillias Fraser

09h50 – Sessão plenária (Anfiteatro 3.1.15)

Moderador: Carlos de Miguel Mora

DIEGO PÉREZ GONDAR (Universidad de Navarra) – *Memoria e identidad. Relecturas del pasado para la construcción de un futuro*. Salmo 105 y Hechos 7

XABIER PIKAZA IBARRONDO (Universidad Pontificia de Salamanca) – *Migración y trata. Un tema bíblico, un tema actual*

10h50 – Intervalo

11h15 – 13h00 – Sessões simultâneas A

MESA 1 (Anfiteatro 3.1.15)

Moderador: Maria Teresa Cortez

MARIA HERMÍNIA AMADO LAUREL (Universidade de Aveiro) – *Espaços de fronteira entre mundo real, mundo plausível e mundos possíveis: reorientações do estudo do espaço em literatura*

ANTÓNIO MANUEL FERREIRA (Universidade de Aveiro) – *O desejo de ser homem: Duas personagens de Eça de Queirós*

ANA MARIA RAMALHEIRA (Universidade de Aveiro) – *Estética do silêncio como forma de resistência e de “individuação” na poesia de O Eu Desconhecido (2016), de Carlos Carranca*

MESA 2 (sala 3.1.9)

Moderador: Aline Ferreira

NUNO ROSMANINHO (Universidade de Aveiro) – *A arte portuguesa e as fronteiras da Europa*

ALDA NETO (CEPESE) – *As Casas de Brasileiros: os movimentos migratórios e a construção de itinerários no Norte de Portugal*

SÉRGIO FERREIRA (Universidade do Porto) – *O “Cavalo de Troia” que invadiu as “Terras de Miranda” – a construção das barragens em Miranda do Douro (1954-1964)*

MESA 3 (sala 3.5.9)

Moderador: Vera Maquêa

MARIA TERESA ROBERTO (Universidade de Aveiro) – *Traduzir residência, traduzir identidade: elementos de difícil conciliação na tradução de documentos pessoais, nos processos de migração internacional*

CLÁUDIA MARTINS (ESE, Instituto Politécnico de Bragança) – *Traduzir ou não traduzir? – a importância da tradução na defesa das línguas minoritárias*

BÁRBARA CERRATO RODRÍGUEZ (PhD Student, University of Salamanca) – *Life in Translation: Najat El Hachmi*

14h45 – 16h45 – Sessões simultâneas B

MESA 4 (Anfiteatro 3.1.15)

Moderador: Maria Fernanda Brasete

VERA MAQUÊA (Universidade do Estado de Mato Grosso) – *Palimpsestos da memória em narrativas africanas de língua portuguesa*

HILARINO CARLOS RODRIGUES DA LUZ (CHAM, FCSH/NOVA – Uaç) – *Representação da fronteira em Ruy Duarte de Carvalho*

PAULO JORGE TEIXEIRA CAVACO & ROSA MARIA SEQUEIRA (CEMRI / Universidade Aberta) – *A personagem migrante em As Mações Azuis*

MESA 5 (sala 3.1.9)

Moderador: Ana Maria Ramalheira

MARIA TERESA CORTEZ (Universidade de Aveiro) – *Por entre terras e guerras: as “Kurzgeschichten” Glück haben (1947), de Elisabeth Langgässer, e Zwischen zwei Stationen (1946), de Günter Eich*

JOLANTA SZYMAŃSKA (University of Jan Kochanowski in Kielce / University of Warsaw) – *Migration crisis: Visegrad Group and the future of the Common European Asylum System*

ANA MARIA ALVES (CLLC, UA / Instituto Politécnico de Bragança, ESSE) – *Exode de l'intelligentsia européenne en France: Frontières, papiers, visas - action de secours de Varian Fry*

MÓNICA CANO ABADÍA (Universidad de Zaragoza) – *Refugees and Global Justice: An Intersectional Approach on the Vulnerability of Citizenship*

MESA 6 (sala 3.5.9)

Moderador: Lurdes Moutinho

HELENA COSTA TOIPA (Universidade de Coimbra) – *A itinerância dos padres jesuítas no século XVI: Relato da viagem de Pedro Perpinhão, de Alcalá de Henares a Roma*

JOANA MESTRE COSTA (Universidade de Aveiro) – *Flora Cochinchinensis de João de Loureiro: uma interseção Ocidente-Oriente do Portugal de setecentos*

CATARINA NUNES DE ALMEIDA (Universidade de Lisboa) – *Visões da Índia na narrativa de viagens europeia a partir da segunda metade do século XX*

ELISABETH BATTISTA (Universidade do Estado de Mato Grosso) – *Portugal Democrático e o núcleo de imigrantes políticos portugueses, no Brasil*

17h00 – Apresentação de livro e inauguração de exposição (*Auditório Helder Castanheira – Livraria da Universidade*)

Moderador: Carlos Morais

DANIEL BASTOS & PAULO TEIXEIRA – Apresentação do livro *Gérald Bloncourt – O olhar de compromisso com os filhos dos Grandes Descobridores*

Inauguração da Exposição de fotografia "Pour une vie meilleure", de Gérald Bloncourt

17h45 – Intervalo

18h15 – Sessão plenária (*Livraria da Universidade*)

Moderador: Carlos Costa

ARTUR FERREIRA COIMBRA (Diretor do Museu das Migrações e Comunidades, Fafe) – *O Museu das Migrações e Comunidades como memória das mobilidades portuguesas*

JOSÉ LUÍS CARNEIRO (Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas) – *Políticas em curso para as Comunidades Portuguesas*

22 de setembro

09h15 – Sessão plenária (Anfiteatro 3.1.15)

Moderador: Andrés Pociña

MANUEL AZNAR SOLER (Universitat Autònoma de Barcelona) – *Literatura, historia y política del exilio republicano español (1939-1978)*

ROSE DUROUX (Université Clermont-Auvergne) – *¿Fronteras o umbrales? El niño frente al paso de la frontera durante el éxodo español de 1939. Mosaico de relatos*

10h15 – Intervalo e sessão de pósteres

10h45 – 12h45 – Sessões simultâneas C

MESA 7 (Anfiteatro 3.1.15)

Moderador: Filomena Louro

MARIA DO CARMO CARDOSO MENDES (Universidade do Minho) – *Representações da diáspora cabo-verdiana: a obra de Orlanda Amarílis*

CÉLIA MARIA BORGES MACHADO & KÊNIA MARIA DE ALMEIDA PEREIRA (Universidade Federal de Uberlândia) – *Representações da diáspora judaica em Pepetela*

HELENA FERREIRA & ALINE FERREIRA (Universidade de Aveiro) – *Emigrantes – Estranhos numa terra estranha*

MESA 8 (sala 3.1.9)

Moderador: Olga Maria Castrillon-Mendes

MARIA DO SOCORRO DE SOUSA ARAÚJO (Universidade do Estado de Mato Grosso) – *Artifícios da convivência entre bolivianos e brasileiros em faixa de “fronteira seca”*

ISABELA BENTO DOS SANTOS & REGINA DE PAULA MEDEIROS (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais) – *A identidade em obra no percurso migratório no contexto da migração internacional de retorno ao Brasil*

FRANCISCO PAULO DA SILVA & IZAÍRA THALITA DA SILVA LIMA (Univ. Coimbra / Universidade do Estado do Rio Grande do Norte) – *Discursos e práticas da/na política desenvolvimentista da ditadura militar brasileira: efeitos sobre os povos indígenas*

MESA 9 (sala 3.5.9)

Moderador: Nuno Simões Rodrigues

SOFIA GIL DE CARVALHO (CECH, Universidade de Coimbra; Bolseira FCT) – *A representação da diáspora troiana em Estesícoro: dois retratos de uma fuga*

JOSÉ ORTIZ CÓRDOBA (Universidad de Granada) – *Emigración e integración en las colonias romanas de Lusitania*

AITOR FREÁN CAMPO (Universidad de Santiago de Compostela) – *El mito de las yeguas lusitanas: una realidad simbólica liminar*

14h45 – Sessão plenária (Anfiteatro 3.1.15)

Moderador: Aurora López López

JOSÉ CARLOS FERNÁNDEZ CORTE (Universidad de Salamanca) – *Gelonos, un pueblo en las fronteras del Imperio romano*

NUNO SIMÕES RODRIGUES (Universidade de Lisboa) – *Representações do Êxodo no cinema: de Cecil B. DeMille a Ridley Scott*

15h45 – Intervalo

16h15 – 18h15 – Sessões simultâneas D

MESA 10 (Anfiteatro 3.1.15)

Moderador: Teresa Alegre

LURDES DE CASTRO MOUTINHO & ROSA LÍDIA COIMBRA (Universidade de Aveiro) – *Do litoral ao interior: distâncias geográficas e prosódicas?*

LÚCIA MARIA DE ASSUNÇÃO BARBOSA (Universidade de Brasília) – *Novas migrações, novos desafios: plurilinguismo e o ensino-aprendizagem de Português como língua de acolhimento: a experiência da Universidade de Brasília*

SABINE GOROVITZ (Universidade de Brasília) – *Migrações e fronteiras no Distrito Federal: a integração linguística como garantia dos direitos humanos*

ABDELILAH SUISSE (Universidade de Aveiro) – *A influência da língua portuguesa no dialeto marroquino: um estudo sobre residentes marroquinos em Portugal.*

MESA11 (sala 3.1.9)

Moderador: Nuno Rosmaninho

MANUEL FERREIRA RODRIGUES (DEP, Universidade de Aveiro) – *A presença discreta dos galegos em Aveiro*

EMELLIN LAYANA SANTOS DE OLIVEIRA (Universidade Nova de Lisboa) – *Portugal na vanguarda do Diálogo Intercultural: os Planos de Integração dos Imigrantes e os avanços na legislação imigratória portuguesa*

PAULO JORGE SOARES TEIXEIRA (Movimento Internacional Lusófono) – *Representações da diáspora*

MESA 12 (sala 3.5.9)

Moderador: Maria Teresa Roberto

FILOMENA LOURO (Universidade do Minho) – *Am I foreign again? – the mobility of frontiers and borders and the definition of citizen status*

ANTHONY BARKER (Universidade de Aveiro) – *Long Walks, Incredible Journeys: Popular Fantasies of Escape and Returning Home*

MARKO BABIĆ (Institute of European Studies, University of Warsaw) – *Political system and human migrations. The Balkans' Route*

RICARDO ROCHA DINIZ (Ensaísta) – *Mare Nostrum? Sobre o controlo das rotas e fluxos migratórios no Mediterrâneo*

20h00 – Jantar do Congresso

23 de setembro

09h15 – Sessão plenária (Anfiteatro 3.1.15)

Moderador: Rose Duroux

ANDRÉS POCIÑA (Universidade de Granada) – *O pintor e poeta Luís Seoane no exílio*

AURORA LÓPEZ LÓPEZ (Universidade de Granada) – *La gran actriz Margarita Xirgu en el exilio sudamericano*

10h15 – Intervalo

10h45 – 12h45 – Sessões simultâneas E

MESA 13 (Anfiteatro 3.1.15)

Moderador: Anthony Barker

CALILA DAS MERCÊS OLIVEIRA & MARIA ISABEL EDOM PIRES (Universidade de Brasília)
– *Escritas cinematográficas de Karim Aïnouz: roteiro, trânsitos migratórios e arquivamentos literários no filme O Céu de Suely (2006)*

CRISTINA VIDAL SALES (Universidad de Salamanca) – *Border Crossings in Film: Translation, Power and Identity along the Río Grande*

FEDERICA LUPATI & ANA MARIA MARTINHO (Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores) – *The African diaspora through Portuguese hip hop music: a case study*

MESA 14 (sala 3.1.9)

Moderador: Erik van Achter

REINALDO FRANCISCO SILVA (Universidade de Aveiro) – *Darrell Kastin's The Conjuror & Other Azorean Tales: Border Crossings, Ethnicity, Hybridity, Natural and Supernatural Occurrences*

MITRA SHAHABI (Universidade de Aveiro) – *Iran's Brain Drain and the Solutions*

ELENA RODRÍGUEZ MURPHY (University of Salamanca) – *The Anglophone African novel as minor literature: from transliteration to appropriation in Nigerian writing*

MESA 15 (sala 3.5.9)

Moderador: Maria Helena Ançã

MARIA FERNANDA BRASETE (Universidade de Aveiro) – *A nostalgia de Ulisses no êxodo de Troia*

CARLOS MORAIS (Universidade de Aveiro) – *Antígona, um mito de exílio no teatro português e espanhol*

CARLOS DE MIGUEL MORA (Universidade de Aveiro) – *Os ecos de um eco em Garcilaso de la Vega*

MESA 16 (sala 3.5.29)

Moderador: Maria Eugénia Pereira

LUIZ GONZAGA MARCHEZAN (Unesp, Araraquara) – *Notas sobre gestos insípidos em Mínimos, múltiplos, comuns, de João Gilberto Noll*

FABIANA CARNEIRO DA SILVA (Universidade de São Paulo) – *Mulher negra entre a maternidade e a violência: a representação rasurada na literatura brasileira*

MARCÉLIA GUIMARÃES PAIVA & RAQUEL BEATRIZ JUNQUEIRA GUIMARÃES (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais) – *Os caminhos e os sentidos do exílio na poesia de Ferreira Gullar*

14h30 – 16h30 – Sessões simultâneas F

MESA 17 (sala 3.1.15)

Moderador: Maria Hermínia Amado Laurel

MARIA HELENA ANÇÃ (Universidade de Aveiro) – *Depois das fronteiras, quando os refugiados são os nossos alunos*

OLGA MARIA CASTRILLON-MENDES (Universidade do Estado de Mato Grosso) – *Personagens em trânsito da prosa de ficção: memória e migração*

PAULO RICARDO KRALIK ANGELINI (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) – *Paraíso perdido: um mesmo olhar sobre um Brasil distante*

MESA 18 (Anfiteatro 3.1.9)

Moderador: Rosa Lúcia Coimbra

ANTONIA MARLY MOURA DA SILVA (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte) – *A naturalização do irreal: aspectos da metamorfose em contos de Murilo Rubião e José J. Veiga*

CARINA CERQUEIRA (Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto) – *Encontros inóspitos: A reconstrução da ‘viagem’ e a análise à dimensionalidade do ‘outro’ na obra Mongólia, de Bernardo Carvalho*

TIAGO FERREIRA DA SILVA (Universidade de Brasília) – *A Bíblia às avessas: uma releitura irônica do Gênesis no conto “Na arca”, de Machado de Assis*

MESA 19 (sala 3.5.9)

Moderador: Luiz Gonzaga Marchezan

JOSÉ CÂNDIDO DE OLIVEIRA MARTINS (Universidade Católica, Braga) – *Maria Ondina Braga, migração, errância cosmopolita*

CELINA SILVA (Universidade do Porto) – *Questões e Imperativos; Globalização e Fronteiras Culturais na Obra de Alberto Pimenta*

CARMEN MARÍA COMINO FERNÁNDEZ DE CAÑETE (Universidad de Extremadura) – *Visão dualista em A costa dos murmúrios, de Lúcia Jorge*

ISA VITÓRIA SEVERINO (Instituto Politécnico da Guarda) – *Gaibéus ou os novos gaibéus?*

MESA 20 (sala 3.5.29)

Moderador: Abdelilah Suisse

MARIA EUGENIA PEREIRA (Universidade de Aveiro) – *De l'insoutenable non-présence du signifiant juif chez Perec et Modiano*

ERIK VAN ACHTER (KULeuven –Belgium) – *E depois do êxodo? Os contos de Charles Reis Felix.*

JAMAL EN-NEHAS (University of Moulay Ismail, Morocco) – *Framing Borders in the Age of "Free" Movement: From the Ideals of Discourse to the Ordeals of Reality*

16h30 – Intervalo

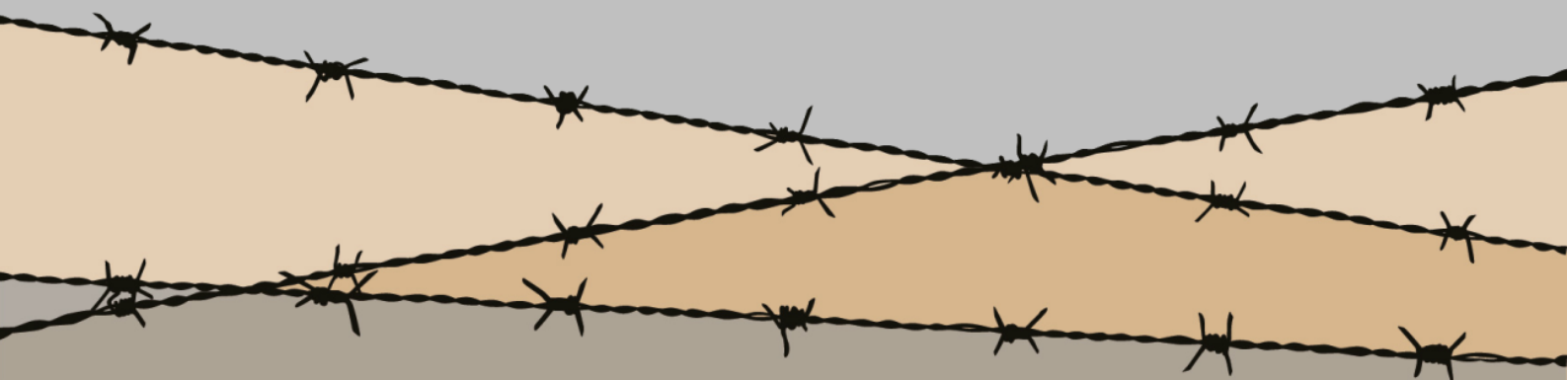
17h00 – Sessão de encerramento (Anfiteatro 3.1.15)

Moderador: António Manuel Ferreira

TERESA CRISTINA CERDEIRA (Universidade Federal do Rio de Janeiro) – *O Esplendor de Portugal ou da impossibilidade de aprender a liberdade*

MARIA HELENA CARREIRA (Université Paris 8) – *Variedades do português em texto literário e sua tradução em francês. Que fronteiras? Que horizontes?*

Resumos



ABDELILAH SUISSE

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

A influência da língua portuguesa no dialeto marroquino: um estudo sobre residentes marroquinos em Portugal

Palavras-chave: contacto de línguas, alternância de códigos (dialeto marroquino/ português), alternância linguística, conflito linguístico (dialeto marroquino português).

Vários estudos em psicolinguística e sociolinguística tentaram descrever e compreender como funciona a alternância de códigos produzidos pelos marroquinos não apenas aqueles que vivem em situações de diglossia e/ou triglossia – características da situação linguística do mundo árabe – mas também outros que residem em países europeus.

Assim, nesta linha investigativa, esta comunicação visa estudar – numa perspetiva (psico)linguística e sociolinguística – a influência lexical da língua portuguesa no dialeto marroquino (designado também por *dārija* ou *ʿāmiyya*) de 15 informantes marroquinos, residentes em Portugal. Para este propósito, e após uma caracterização inicial do perfil sociolinguístico, através de questionários, foi recolhido um corpus oral, baseado em conversas informais, produzidas por esses informantes, em vários contextos do seu quotidiano. Seguidamente, realizou-se entrevistas com o objetivo de avaliar o grau da consciência linguística, ou não, do uso do léxico da língua portuguesa no dialeto marroquino por parte dos informantes marroquinos.

Os resultados deste estudo apontam que, a nível (psico)linguístico, a influência da língua portuguesa no dialeto marroquino é realizada de forma espontânea e criativa, integrando, por isso, muitas vezes, na comunicação léxico híbrido (Cabral, 2003; Levine, 2011). Neste processo, constata-se ainda a ocorrência de um conflito entre as línguas em contacto (neste caso entre o dialeto marroquino e o português), o que dificulta saber qual é a língua matriz ou dominante no dialeto marroquino, nomeadamente na morfologia lexical (Suisse, 2003; Ziamari, 2009). A nível sociolinguístico, concluímos que o grau de alternância de códigos varia consoante a formação académica do indivíduo e o contexto conversacional.

Bibliografia

- Cabral, A. (2003). Línguas e linguagens. In Alcinda Cabral (ed), *Imigração Marroquina*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Levine, G. S. (2011). *Code choice in the language classroom*. Bristol: Multilingual Matters.
- Suisse, A. (2003). Imigração marroquina em Portugal. Testemunho de uma experiência de trabalho de campo. In Alcinda Cabral (ed), *Imigração Marroquina*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Ziamari, K. (2009). Le contact entre l'arabe marocain et le français au Maroc: spécificités linguistique et sociolinguistique. *Synergies Tunisie*, 1, 173-186.

AITOR FREÁN CAMPO

(Universidad de Santiago de Compostela, España)

El mito de las yeguas lusitanas: una realidad simbólica liminar

Palabras clave: mitología, edad del hierro, pueblos prerromanos, pensamiento simbólico, religiosidad, migraciones.

Se propone una relectura de un mito tan conocido y tratado por parte del ámbito investigador como es el de las yeguas lusitanas fecundadas por el viento. Para ello se realizará una breve exposición de los diferentes enfoques abordados hasta el momento y se llevará a cabo un análisis detallado de las distintas fuentes textuales grecorromanas con las que contamos para su estudio. Realizada esta labor podremos plantear la siguiente hipótesis: en vista de la antigüedad de la creencia y su correspondencia con el pensamiento simbólico griego, el mito de las yeguas lusitanas no representa una realidad diferente a otros pasajes míticos que el imaginario grecolatino situó en los confines de su mundo conocido con el fin de localizar allí aquellas creaciones vinculadas con las creencias más arcaicas y remotas de su mitología como son las concernientes a la época de los titanes, las harpías y, en general, todas las divinidades denominadas como preolímpicas.

ALDA NETO
(CEPESE)

*As Casas de Brasileiros: os movimentos migratórios
e a construção de itinerários no Norte de Portugal*

Palavras-chave: emigração, conservação, arquitetura, turismo, valorização patrimonial, rotas

A Emigração portuguesa nos séculos XIX e XX constituiu um fenómeno histórico e sociológico cuja importância se acentuou quer no Brasil (percurso profissional dos portugueses) quer em Portugal (regresso). Após um árduo percurso, os portugueses regressaram e intervieram na vida política, económica, social e artística das suas localidades. Neste contexto, os *brasileiros de torna-viagem* construíram casas, igrejas e outros equipamentos. A construção destes edifícios nos meios rurais e urbanos conduziu à criação de itinerários de sucesso e de afirmação social, que foram, simultaneamente, assimilados por outros grupos que se encontravam numa situação de idêntica ascensão social.

Destaca-se a *Casa do Brasileiro*, enquanto principal elemento representativo do modo como cada indivíduo se insere no meio local e, também, todas as outras edificações (escolas, hospitais, igrejas) que permitiram ao emigrante afirmar a sua benemerência.

A casa do *brasileiro* tornou-se uma construção social, isto é, representa o modo como cada indivíduo se insere no meio local que o viu partir. A casa constitui uma expressão paradigmática da melhoria das condições de vida daquele que partiu e que, posteriormente, regressou rodeado de sucesso¹. Além de intensificarem tensões entre emigrantes e residentes, as casas transformaram a paisagem rural do norte de Portugal.

Como se pode verificar, este tipo de casas constitui um importante exemplar da emigração e necessita de uma rápida valorização patrimonial e turística, na medida em que constitui o objeto material e cultural da memória coletiva de um povo. Considera-se que estas casas, existentes em grande número, poderão fazer parte de um conjunto de rotas turísticas que nos levarão ao encontro da história e, sobretudo, conhecer *in loco* as localidades de onde partiram milhares de homens em busca de um futuro e levando consigo a saudade de um país.

¹ Leite, 2009.

ANA MARIA ALVES

(CLLC, UA / Instituto Politécnico de Bragança, ESE)

*Exode de l'intelligentsia européenne en France:
Frontières, papiers, visas - action de secours de Varian Fry*

Mots-clefs: exode, intelligentsia, frontière, visas, secours, Varian Fry.

En 1940, un jeune journaliste américain, Varian Fry, est envoyé à Marseille. Sa mission officielle: faire évader les artistes, la plupart enfermés au Camp des Milles, les intellectuels et militants politiques de gauche, souvent juifs, menacés par la Gestapo. Intelligentsia que la deuxième guerre mondiale avait forcée à l'exil ou plus encore à la clandestinité. Ces intellectuels ont trouvé abris dans le Sud de la France notamment à Sanary-sur-Mer où nous retrouverons une grande partie de l'intelligentsia allemande et à la villa Air-Bel à Marseille dernier port de sortie face à l'approche de l'invasion nazie.

Varian Fry met sur pieds la modeste organisation du Comité Américain de Secours qui s'oppose à l'article 19 de la convention d'armistice entre la France et l'Allemagne: "Le gouvernement français est tenu de livrer sur demande tous les ressortissants désignés par le gouvernement du Reich".

En treize mois, avant que la police de Vichy n'expulse Varian Fry – avec l'aval des États-Unis –, le Centre américain de secours aura, par des moyens légaux ou illégaux, sauvé plusieurs milliers de personnes.

Cette action de secours relève de ce qu'on a appelé "la résistance avant la Résistance", et de ce qui apparaît aujourd'hui comme un mouvement de solidarité internationale. Nous nous proposons d'éclairer ce moment historique et singulier, en même temps que nous rendons hommage à l'héroïsme de l'individu ordinaire face à la déraison d'État.

ANA MARIA RAMALHEIRA
(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

*Estética do silêncio como forma de resistência e de “individuação”
na poesia de O Eu Desconhecido (2016), de Carlos Carranca*

Palavras-chave: Carlos Carranca, estética do silêncio, resistência, “individuação”, “imigração interior”.

Autor de uma vintena de livros de poesia, o professor do Ensino Superior, ensaísta, declamador e animador cultural Carlos Carranca, um torguiano convicto, deu recentemente à estampa *O Eu Desconhecido*, um livro de poesia que constitui uma viragem na orientação estético-literária da poesia do autor, no sentido de uma acentuada tendência para a redução linguística e para o hermetismo. O poeta ensaiar novos caminhos estético-literários e de restituir ao verbo um significado primevo, mais depurado, menos desgastado. Na verdade, dos poemas que integram a coletânea em apreço, ressuma uma espécie de estética do silêncio, uma espécie de condição essencial não só para a sobrevivência da poesia, mas também para o desvendar o segredo que subjaz ao sentido desse aparente absurdo que é a própria vida. O silêncio, que assume *nuances* distintas ao longo deste conjunto de poemas, é o *Leitmotiv* de *O Eu Desconhecido*. No seu conhecido ensaio intitulado “A Estética do Silêncio” (1969), Susan Sontag debruça-se sobre o papel do silêncio no processo de mediação da arte como forma de espiritualidade na cultura ocidental, que ela considerava ser cada vez mais secular. A escritora, ensaísta e ativista norte-americana advogava que, através do silêncio, o artista se libertava da dependência servil do mundo e que nessa renúncia à sociedade pode perceber-se um gesto com enorme impacto social.

O carácter tendencialmente opaco da retórica do silêncio pode suscitar tanto uma certa ansiedade, uma certa vertigem espiritual, como uma forma de contemplar, de prender o tempo, no sentido de apelar ao pensamento, à reflexão. Penso que é exatamente neste sentido que deve ser entendida a nova abordagem poética de Carlos Carranca, em que a retórica do silêncio vai ao encontro do tal “projeto mítico de libertação total” da arte de que falava Susan Sontag. Por outro lado, a procura constante e solitária de um “eu desconhecido” remete para o conceito de “individuação” de Carl Jung: o dilema do sujeito poético parece decorrer de uma certa incapacidade de dar uma resposta à questão do sentido da vida e de um sentido para a vida.

ANDRÉS POCIÑA

(Universidad de Granada, España)

O pintor e poeta Luís Seoane no exílio

Palavras-chave: Luís Seoane, pintura, poesia, exílio franquista, Argentina.

Luís Seoane (Buenos Aires, 1910 – A Corunha, 1973), apesar de ter nascido em Buenos Aires, morou desde a infância na Galiza, destacando-se muito cedo pela sua ideologia e atividade política na Corunha, onde se exercitou na advocacia (no campo da judicatura do trabalho), e na política, enquanto membro do Partido Galeguista. Depois de a Guerra Civil ter deflagrado, Seoane exiliou-se em Buenos Aires, onde desenvolveu uma ativa carreira de pintor e escritor.

Figura notabilíssima do exílio, espanhol e galego, em vários países da América, e de modo muito especial na Argentina, no México, Venezuela e Cuba, será do surpreendente labor pictórico, e da poesia em galego, de Seoane, que nos ocuparemos no presente trabalho, focando de perto, sobretudo, as obras em verso *Fardel d'eisiliado* (Buenos Aires, 1952) e *Na brétema, Sant-Yago* (Buenos Aires, 1952).

ANTHONY BARKER

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

Long Walks, Incredible Journeys: Popular Fantasies of Escape and Returning Home

Keywords: journey, home-coming, exodus, attrition, adaptation.

In 1956, Slawomir Rawicz published an account of his daring escape from a Soviet gulag in 1941 which led to a 6,500 kilometer trek across Siberia, Mongolia, Tibet and through the Himalayas to freedom eleven months later in British India. *The Long Walk* was translated into 17 languages and sold over half a million copies worldwide. This proved to be a Cold War text for *Reader's Digest* to get behind. In 2010, it was made into a film called *The Way Back*, directed by Peter Weir and produced and distributed by National Geographic. In 1961, Sheila Burnford published *The Incredible Journey* about the 500-kilometre trip across the Canadian wilderness of three animals (two dogs and a cat), to be reunited with their owners. The story was taken up by Disney in 1963 as a feature film and marketed confusingly as a "True-Life Fantasy." It was remade by Disney in 1993 as *Homeward Bound: the Incredible Journey*. What these two books and three films have in common is that they are not true as told, perhaps not true in any useful sense at all. So what is it about such narratives that makes us want to believe in them? The film critic J. Hoberman recognized *The Way Back* as part of a newly emerged genre, the drama of attrition, where comfortable audiences can enjoy the spectacle of protracted suffering providing it leads to some uplifting outcome. *The Revenant* (2015) for instance shows that the genre has finally been noticed and celebrated by the academy. This presentation looks at the appeal of the attritional epic of homeward journeying, also referencing Leon Uris's novel *Exodus* (1958) and film version of it (1960), all of which appeared around the same time.

ANTONIA MARLY MOURA DA SILVA

(Universidade de Coimbra/ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil)

A naturalização do irreal: aspectos da metamorfose em contos de Murilo Rubião e José J. Veiga

Palavras-chave: intertextualidade, conto brasileiro, Murilo Rubião, José J. Veiga, fantástico, metamorfose.

Na tradição do tratamento conferido ao tema da metamorfose, em obras literárias ou não, o desenho inverossímil da transformação/regeneração, física e ou psicológica, acentua os desígnios divinos e extraordinários do fenômeno. A inspiração na tradição oral, na magia ou no mito concentra o episódio em relações que se estabelecem com o sobrenatural e em outras instâncias insólitas que aproximam a metamorfose da experiência do divino. Na literatura contemporânea, o esfacelamento dos seres ficcionais se verifica no entrecruzamento de elementos verossímeis e inverossímeis. No delineamento fabular, aspectos da narrativa e atitudes de personagens realçam a metamorfose como atributo banal e naturalmente aceito pelos seres de papel, o impossível se aloja em manifestações corriqueiras do cotidiano integrando uma completa coesão entre o natural e o sobrenatural. Nos contos “Os dragões” (1965) e o “O cachorro canibal” (1968), dos escritores brasileiros Murilo Rubião e José J. Veiga, respectivamente, nenhuma explicação é dada à estranha dualidade dos personagens. O irreal se encaixa harmoniosamente em situações ordinárias, subvertendo a concepção que temos de realidade. Mestres na arte da incerteza e reconhecidos pela extraordinária habilidade em coligar o inverossímil e o desconhecido pelas fendas do imaginário, Veiga e Rubião compactuam uma nova perspectiva ficcional na arquitetura do fantástico. É, pois, seguindo tal pensamento que pretendemos neste trabalho analisar os dois contos referidos com foco no diálogo intertextual entre os dois escritores e na exploração temático-formal da metamorfose a fim de suscitar reflexões sobre a feição renovadora do fantástico contemporâneo,

ANTÓNIO MANUEL FERREIRA

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

O desejo de ser homem: Duas personagens de Eça de Queirós

Palavras-chave: Eça de Queirós, fronteira, masculinidade.

Nos romances *O Crime do Padre Amaro* (1875, 1876, 1880) e *A Ilustre Casa de Ramires* (1897, 1900), de Eça de Queirós, os protagonistas são homens confrontados com diversos projetos de migração, desde a mudança de território por motivos económicos, até à superação de fronteiras de natureza social e afetiva. Embora Amaro e Gonçalo pertençam a classes sociais muito diferentes, compartilham alguns traços de carácter que os aproximam, enquanto homens em crise. Nestes dois romances queirosianos, as migrações e as fronteiras também têm que ver com as questões de género, nomeadamente com os protocolos da masculinidade.

ARTUR FERREIRA COIMBRA

(Museu das Migrações e das Comunidades)

O Museu das Migrações e Comunidades como memória das mobilidades portuguesas

Palavras-chave: migrações, Fafe, Brasil, França, museu, memória.

A comunicação parte da realidade migratória de Fafe e do norte do país para o Brasil, entre meados do século XIX e meados do século XX, e em seguida para a Europa, e em especial para França.

Evidencia as marcas das migrações, ou mobilidades, a diferentes níveis (arquitetónico, económico, social, cultural).

Apresenta o Museu das Migrações e das Comunidades, sediado em Fafe, como projeto de memória das mobilidades portuguesas pelo mundo.

AURORA LÓPEZ

(Universidad de Granada, España)

La gran actriz Margarita Xirgu en el exilio sudamericano

Palabras clave: Xirgu, teatro, exilio franquista, Sudamérica.

Una de las figuras más sobresalientes del exilio español en Hispanoamérica huyendo de la dictadura franquista que asoló a España después de la Guerra civil (1936-1939), fue la gran actriz Margarita Xirgu Subirá (Molins de Rey, Barcelona, 1888 – Montevideo, 1969).

Primerísima dama del teatro español desde muy joven, al estallar la sublevación militar fascista gozaba de un inmenso prestigio, por haber interpretado ininterrumpidamente a las grandes figuras del teatro catalán, español y universal (Guimerà; Valle-Inclán, Benavente, hermanos Álvarez Quintero, Casona, Alberti; Shakespeare, Wilde, Bernard Shaw, D'Annunzio...), pero de forma especial por estrenar todas las obras dramáticas de Federico García Lorca, tarea que comienza en 1927 con *Mariana Pineda*, y culmina, años después del asesinato del poeta, en 1945 con *La casa de Bernarda Alba* (estrenada en Buenos Aires).

En 1939, al triunfar la sublevación franquista, emigró a Sudamérica, viviendo en Chile, Argentina y Uruguay, países en los que prosiguió ininterrumpidamente su carrera dramática. Después de adquirir la nacionalidad uruguaya, fue directora de la Escuela de Arte Dramático en Montevideo, donde colaboró profundamente a la formación de actrices y actores de gran prestigio. Nunca quiso regresar a España en vida del dictador, y solo después de la muerte de este sus restos regresaron a su ciudad natal de Molins de Rey.

BÁRBARA CERRATO RODRÍGUEZ

(PhD Student, University of Salamanca, Spain)

Life in Translation: Najat El Hachmi

Keywords: hybridity, translation, border writers, languages in contact, in-between, third space.

Najat El Hachmi is a hybrid writer: she was born in Morocco but moved to Catalonia as a child. She considers herself Catalan but still feels rejected after many years living in Catalonia. This situation enables her to critically reflect on language, translation, and gender and religion issues of both the source and the target culture. She considers herself part of a border generation, which enables her to understand two different realities. She has published five books so far (one autobiography, three novels and a book of short stories), but we will focus our paper on two novels in which translation plays a fundamental role: *L'últim patriarca* (2008) – translated as *The Last Patriarch*—and *La filla estrangera* (2015) (no English translations available yet). In these works –characteristic examples of ‘ontological narratives’, according to Baker (2006: 31)—, the author shows that cultures and languages are not clearly delimited, but merged. These works display life as a continuous translation and mediation between cultures. Nevertheless, El Hachmi also approaches the (im)possibility of translating certain situations because they would not have the same meaning in the target language. In these kind of situations, and also in the clash of religions, the characters appearing in her novels sometimes have to adopt in-between –Tymoczko (2003), Spivak (1993), Simon (1996, 1999, 2001, 2011), Cronin (2000), Wolf (2000, 2008), Snell-Hornby (2001) and Mehrez (1992)— or in-the-third-space (Bhabha1994 and Wolf 2000) translation strategies, as we will explore by means of a number of examples taken from the two novels mentioned above.

CALILA DAS MERCÊS OLIVEIRA & MARIA ISABEL EDM PIREs
(Universidade de Brasília, Brasil)

Escritas cinematográficas de Karim Aïnouz: roteiro, trânsitos migratórios e arquivamentos literários no filme O Céu de Suely (2006)

Palavras-chave: arquivo, cinema, literatura, narrativas contemporâneas, roteiro, trânsitos migratórios.

A presente comunicação propõe o destaque de reflexões sobre as características das escritas cinematográficas do roteirista e diretor de filmes, Karim Aïnouz, a partir do olhar ao longa-metragem *O céu de Suely* (2006). O filme, cujo argumento inicial esteve em *Rifa-me* (curta-metragem dirigido por Aïnouz em 2000), apresenta um diálogo contemporâneo no que abarca o “entrelugar” da forma e do conteúdo cinematográficos, evidenciado pela soma criativa entre as linguagens literária e do cinema e que torna impossível a dissociação da influência de uma na outra, tanto na execução do roteiro quanto no conteúdo imagético e sonoro em destaque na produção. E através das escolhas de abordagem do enredo e das imagens, iluminadas pelo que pode-se chamar de arquivamento das dinâmicas e ações sociais contemporâneas, Karim Aïnouz valoriza as contradições históricas da população de baixa renda do nordeste como forma de combater, resistir e evidenciar povos que tradicionalmente estão invisibilizados pela História, ao mesmo tempo, ameaçados pelas construções culturais que costuram as suas origens e os seus destinos.

CARINA CERQUEIRA

(Centro de Estudos Interculturais; Instituto Politécnico do Porto; Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto)

Encontros inóspitos: A reconstrução da ‘viagem’ e a análise à dimensionalidade do ‘outro’ na obra Mongólia, de Bernardo Carvalho

Palavras-chave: Bernardo Carvalho, *Mongólia*, processo viático, dimensionalidade do ‘outro’, tradução cultural, antropofagia.

Este artigo procura trabalhar a obra *Mongólia*, de Bernardo Carvalho, a dois níveis: o mapeamento e reconstrução do processo viático, enquanto estrutura representativa e turística, e a dimensionalidade do ‘outro’, enquanto expressão de reposicionamento sociocultural do sujeito pós-moderno. *Mongólia* é compreendida como reconhecimento literário à relevância do processo viático, ativamente influente na construção da identidade sociocultural dos sujeitos intervenientes na narrativa, e também, assim se deseja, na conceção viática do próprio leitor. Da obra literária é possível depreender o conceito construtivo da referência turística, naquilo que podemos definir como a representatividade imagética/pictórica da Mongólia e expressão objetiva do processo de tradução cultural. Ao longo de toda a obra podemos facilmente assinalar um confronto entre a conceção do posicionamento turístico e a ‘realidade’ da dimensionalidade do ‘outro’, numa evidência clara da estrutura construída das referências sociais e culturais, naquilo que podemos apelidar de tradução cultural do sujeito turístico vendável. Assim, trata-se efetivamente da arquitetura pós-moderna do ‘outro’, uma ação pela antropofagia do ‘outro’.

As nações possuem uma visão/‘imagem’ de si próprias, e todas as personagens da narrativa em análise transmitem (servem como veículo expressivo do autor) múltiplas conceções do país, da sua expressão representativa. A tradução cultural é um processo demonstrativo da arquitetura contrastiva e desconstrutiva que alimenta o método turístico, sob o qual são construídas as referências vendáveis. Assim, na obra literária *Mongólia*, a viagem é veículo da desenvoltura desconstrutiva/reconstrutiva da tradução cultural aplicada aos sujeitos e ao país. A viagem é apenas a representação de um caminho, já a tradução cultural é o reconhecimento das referências socioculturais e humanas que satisfazem a dimensionalidade daquilo que efetivamente constrói a nação e os seus sujeitos.

O ‘outro’ que possui posição de destaque na obra *Mongólia* é fruto de uma rede de influências internas e externas que alimentam a edificação da referência turística clássica, ou seja, legitimam a construção vendável do país nómada, místico e espiritual. Mais do que uma aproximação ao sujeito mongol, a narrativa em análise faz eclodir as conceções contrastivas do ‘nós’ ocidental *versus* os ‘outros’, um encontro de representações que deixa transparecer preconceitos classificativos que requerem reconstrução efetiva. Através da *Mongólia* é possível viajar ao encontro da Mongólia, reconhecer a importância da tradução cultural para a construção da representatividade turística e definir a dimensionalidade do sujeito e do seu posicionamento sociocultural.

CARLOS DE MIGUEL MORA

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

Os ecos de um eco em Garcilaso de la Vega

Palavras-chave: intertextualidade, tradição clássica, Ovídio, Ariosto, Garcilaso de la Vega, Camões.

É sobejamente conhecido que muitas das referências que um autor transmite aos seus leitores só fazem sentido através da intertextualidade com outros textos anteriores. Quando as literaturas em língua vernácula surgem, os autores têm ao seu dispor, na literatura latina, um copioso manancial de referências para delas se servirem de modo a enriquecer os seus textos por meio do recurso económico da alusão aos clássicos. Esta alusão é ainda mais rica se o poeta consegue oferecer ao leitor uma espécie de “piscadela de olho”, indicando com clareza, através de um jogo metapoético, que está a evocar outros textos. Nesta intervenção veremos uma conhecida passagem da “égloga III”, de Garcilaso de la Vega, explorando os textos clássicos e italianos que julgamos terem sido a base sobre a qual este grande poeta construiu a sua referência poética, integrando-se deste modo numa tradição de “ecos de um eco” que Camões veio continuar, em jeito de excelente cólofon.

CARLOS MORAIS

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

Antígona, um mito de exílio no teatro português e espanhol

Palavras-chave: Antígona, exílio, Sérgio, Bergamín, Zambrano, Elizondo.

Com esta comunicação pretende-se evidenciar como António Sérgio (1930), José Bergamín (1955), María Zambrano (1967) e José Martín Elizondo (1969), partindo do arquétipo sofocliano, transformaram o mito de Antígona em símbolo de luta e resistência de todos os que, como eles, foram obrigados, por razões políticas, a partir para o exílio, vivendo desenraizados e amargurados, longe da pátria que sentem mas não veem.

CARMEN MARÍA COMINO FERNÁNDEZ DE CAÑETE

(Universidad de Extremadura, España)

Visão dualista em A Costa dos Murmúrios, de Lídia Jorge

Palavras-chave: romance português, Lídia Jorge, olhar feminino, diálogo ativo, Moçambique, universo belicoso.

Neste ensaio pretendo demonstrar como Lídia Jorge projeta, na sua narrativa, uma perspetiva de desconstrução do universo beligerante masculino. O olhar feminino que atravessa *A Costa dos Murmúrios* reflete o horror da guerra como espaço fundamental de pertença aos homens. Por isso, ao contrário do enaltecimento de feitos pretensamente heroicos durante a guerra, encontramos uma visão demolidora da imagem mitificada. Eva Lopo, narradora testemunhal da segunda e clarificadora parte, interroga-se no presente (após vinte anos) para desconstruir o passado, selecionando os factos que devem ser narrados. O romance de Lídia Jorge mostra o ambiente urbano da cidade da Beira, centrado no grupo de oficiais e suas famílias e longe do conflito armado que ocorre mais ao norte de Moçambique.

CATARINA NUNES DE ALMEIDA

(Centro de Estudos Comparatistas / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Visões da Índia na narrativa de viagens europeia a partir da segunda metade do século XX

Palavras-chave: narrativa de viagens contemporânea, Eric Newby, Pier Paolo Pasolini, Alberto Moravia, Almeida Faria, Paulo Morais Varela.

A Índia ocupará desde cedo um lugar privilegiado no imaginário europeu, fenómeno mais visível na literatura a partir do período romântico. O fascínio é indissociável do facto de ter sido o primeiro espaço da Ásia a acolher a Europa e onde a experiência quotidiana geraria logo uma familiaridade singular. A chegada à Índia impôs (e impõe) um novo entendimento do espaço, mas também um novo entendimento do tempo, no sentido em que assinala o nascimento do Novo Mundo e a retificação do Velho Mundo – representa mais do que um marco para a História, ela funda uma medida na descoberta do homem pelo homem e, mais do que nunca, volta a unir o percurso do humano à instância do divino. O que significa então, a partir de meados do século XX – ou seja, já depois da independência daquele território –, viajar até à Índia? Parece evidente que os autores contemporâneos procuram – e por vezes encontram – pelo menos três dimensões da Índia que ecoam desde o Romantismo: o passado histórico, a transformação espiritual e a experiência do exótico. Na sua textualidade, a viagem à Índia, mais do que a qualquer outro espaço do chamado Oriente, parece constituir sobretudo um discurso da memória cultural europeia. Neste estudo propomos verificar em que medida a literatura contemporânea manifesta essa continuidade simbólica, tornando-se cúmplice dum jogo fantasmático onde a todo o momento os sujeitos revelam os seus predecessores, tomando por herança um extenso cânone de visões. Teremos por referência textos de autores com percursos estéticos distintos, como Eric Newby, Pier Paolo Pasolini, Alberto Moravia; ou os portugueses Almeida Faria e Paulo Morais Varela.

**CÉLIA MARIA BORGES MACHADO &
KÊNIA MARIA DE ALMEIDA PEREIRA**

(ILEEL, Departamento de Teoria Literária, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil)

Representações da diáspora judaica em Pepetela

Palavras-chave: diáspora judaica, Pepetela, história, memória, ficção e literatura.

“Os judeus são o único povo que nasceu com o dever divino de habitar uma região do planeta: Canaã (Israel)” (Szklarz, 2013), tornando-se, assim, o povo escolhido. Porém, para habitar a terra prometida, Abraão, o patriarca hebreu, precisou sair de sua terra e caminhar por quarenta anos pelo deserto. Ou seja, os hebreus surgem como um povo marcado pelo deslocamento, pela diáspora. De acordo com Luis S. Krausz, professor, escritor e crítico literário da Universidade de São Paulo (USP): “A história judaica é marcada por sucessivas dispersões e diásporas dentro das diásporas”. Assim, os muitos deslocamentos do povo hebreu o fizeram detentor de uma rica e importante cultura, que vem sendo resgatada de diferentes formas. Por exemplo, dentro da produção literária contemporânea, há inúmeros escritores que promovem o resgate da memória e da história judaicas, resgatando e registrando o movimento do povo hebreu ao redor do mundo. É o caso, por exemplo, dos escritores brasileiros: Moacyr Scliar, Samuel Rawet e Cintia Moscovich. Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos – Pepetela, escritor angolano de renome internacional, também registra em algumas de suas obras o movimento de judeus da diáspora. As recentes produções dos Estudos Culturais, encampados pela crítica literária, trouxeram a diáspora como conceito-chave de discussão, o que vem possibilitando uma reflexão aprofundada sobre o tema, a partir das obras de ficção. É o que se pretende nesse trabalho, fazendo um estudo de personagens das obras: *A geração da Utopia* e *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*, de Pepetela. Em face das questões pretendidas para a comunicação “Representações da diáspora judaica em Pepetela” serão iluminadores da discussão os seguintes teóricos: Stuart Hall, Homi Bhabha, Said Ali, Moacyr Scliar, Regina Zilberman, Maria de Deus Beites Manso, entre outros.

CELINA SILVA
(Universidade do Porto)

*Questões e imperativos; globalização e fronteiras culturais
na obra de Alberto Pimenta*

Palavras-chave: arte, social, ação e ideologia.

Algumas figurações da globalização-invasão económico-política e suas consequências na produção poético-performativa mais recente de Alberto Pimenta, com particular ênfase no papel dos *media* e no poder desmistificador da arte. Diabolização do outro e respetiva denúncia.

Cláudia Martins

(Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Bragança)

Traduzir ou não traduzir?

– a importância da tradução na defesa das línguas minoritárias

Palavras-chave: estudos de tradução, tradução audiovisual, domesticação, estrangeirização, línguas minoritárias, mirandês.

As línguas afirmam-se como veículos de identidade social e histórica, mas também como instrumentos de expressão conceptual, seja esta de natureza técnico-científica seja poético-literária. Contudo, a generalidade das línguas nacionais sentiu, em algum momento da sua história, a exigência de se afirmar face às línguas antigas e às línguas clássicas. A força que estas línguas assumiram ao longo dos séculos, fruto da construção de vastos impérios, da conversão religiosa e das trocas comerciais (Ostler, 2010), foi difícil de destronar e a afirmação das línguas nacionais abrangeu não só a tradução dos clássicos latinos e gregos, mas também a produção literária. No século XIX, com um consciente retorno ao passado histórico, estabeleceram-se as normas padrão na Europa, a par de uma tendência prescritivista, e atribuíram-se os dialetos à ausência de instrução e ao “desleixo”, apesar do reconhecimento do seu caráter “exótico” e etnográfico. No século seguinte, as línguas minoritárias da Península Ibérica receberam diferentes abordagens: o ditador espanhol Franco optou por banir a sua utilização, defendendo o uso e monopólio do castelhano, e por enveredar por uma clara estratégia de domesticação no que se refere à tradução de materiais audiovisuais, ou seja, a dobragem. Pelo contrário, em Portugal, o ditador António Salazar escolheu uma estratégia tipicamente de estrangeirização, a legendagem. Paralelamente, o mirandês continuou a ser ignorado como língua minoritária de uma nação que sempre se apresentou como o mais antigo país monolíngue da Europa. Foi somente na viragem para o novo milénio que o mirandês recebeu o seu reconhecimento oficial. Wolton (2004) defende a urgência do debate relativo às línguas minoritárias, visto estas se assumirem como a face invisível da globalização, incorrendo num “risco de encerramento” de pessoas e comunidades numa espécie de “cultura-refúgio”, afastada dos espaços públicos simbólicos dominantes, e alvo de um processo de “espiral de silêncio”. Na mesma linha de pensamento, Cronin (2003: 139) afirma que: “[s]peakers of minority languages looking into the disciplinary mirror of translation studies can also experience the troubling absence of the undead”, uma vez que a disciplina dos Estudos de Tradução acentua a tendência para ignorar as línguas minoritárias, tal como demonstrado no caso da “Routledge Encyclopedia of Translation Studies”, onde não se encontra nenhuma entrada sobre a tradução em línguas minoritárias. Talvez por esta razão este autor refira que as línguas dominantes são línguas intensamente traduzidas como línguas de partida, ao passo que as línguas minoritárias são línguas intensamente traduzidas como línguas de chegada. Neste sentido, o nosso objetivo é explorar as potencialidades da tradução de literatura canónica para línguas minoritárias, numa constante mudança de fronteiras linguísticas e culturais, ilustrando com exemplos do caso mirandês resultantes de um projeto sobre os tradutores da segunda língua oficial portuguesa.

CRISTINA VIDAL SALES

(Universidad de Salamanca, España)

Border Crossings in Film: Translation, Power and Identity along the Río Grande

Keywords: translation, identity, bilingualism, U.S.-Mexico border, cultural representation.

Since its earliest days, North American cinema across different genres has depicted the U.S.-Mexico border, shaping it as a meaningful space that has become iconic and intricately connected to national identity and the image of the Other. Along with more or less conventional portrayals of the frontier as a hostile dividing force, some filmic efforts such as those of the oftentimes labelled ‘revisionist western’ have put forward a vision of the borderland that transcends and transforms its traditional attachment to the nation-state perspective. Central to the aesthetic and political expression of such films, linguistic diversity, articulated through translation (or the lack of it), stands as a unique device for evoking a zone of hybridity, exchange and openness, as well as a convenient tool for favoring critical views of U.S. immigration policies.

This paper examines various instances of bilingualism in border films and takes on the exploration of two questions:

1. The role played by (non-)translation in the cinematic construction of identity in the border, especially when it is consciously used to subvert cultural power dynamics.
2. The way translation re-negotiates the border and the image of alterity in the process of film localization, taking Spanish dubbing as an example.

The observations provide an insight into the agency of translation both as a means of discursively mapping the geopolitical imaginary and as an instrument for reformulating and recontextualizing narratives of cultural difference.

DIEGO PÉREZ GONDAR

(Universidad de Navarra, España)

*Memoria e identidad. Relecturas del pasado
para la construcción de un futuro. Salmo 105 y Hechos 7.*

Palabras clave: Éxodo, memoria, identidad, relectura, tradición, auto-comprensión, construcción de relatos identitarios.

La historia bíblica tiene una fuerza particular. Ya Erich Auerbach en su *Mímesis* (1940) llamó la atención sobre ello al comparar la literatura homérica y la bíblica. El análisis de los versos de la “Cicatriz de Ulises” y la narración del “Sacrificio de Isaac” arrojan, aún hoy, mucha luz sobre la profundidad de la historia sagrada. En la propia Biblia se hacen resúmenes de la historia del pueblo que actualizan la identidad común en un punto concreto de la historia para configurar una adecuada aproximación al presente. En la actualidad, dentro de la cultura heredera de la modernidad, vivimos en un entorno hostil a todo lo que haga referencia a la *tradición*. El hombre contemporáneo vivió un tiempo entregado a la razón y hoy vive en una profunda crisis de identidad. Durante siglos, la propia identidad se mantenía viva y se actualizaba en una continua auto-relectura. Analizaremos dos ejemplos concretos bíblicos en dos momentos diversos de su historia. En el *Salmo 105* y en el discurso de Esteban en el libro de los *Hechos de los Apóstoles* (cap. 7) podemos asistir a este ejercicio permanentemente necesario en todas las culturas. El origen de todo, para los hombres de la Biblia, habla de un viaje en medio de dificultades, de peregrinos en tierras extrañas, de acogida y rechazo, de posesión y desposesión de la tierra, etc. Acontecimientos contemporáneos a nosotros hacen presentes *nuevos éxodos* que nos recuerdan *Aquel* del que procede la cultura occidental.

EDMARA DE CASTRO PINTO

(Universidade Federal do Piauí/Universidade do Minho)

MARIA DO CARMO ALVES DO BOMFIM

(Universidade Federal do Piauí)

*Jovens africanos em processos migratórios:
trajetórias escolares no ensino superior luso-brasileiro*

Palavras-chave: África, imigração, ensino superior, Brasil.

O presente trabalho é o resultado parcial de uma investigação com jovens africanos imigrantes inseridos no âmbito do ensino superior luso-brasileiro. Tem como objetivo: Analisar as Trajetórias de Jovens Africanos em processos migratórios enquanto estudantes de cursos de Graduação e Pós-Graduação na Universidade Federal do Piauí/Brasil e Universidade do Minho/Portugal. Para o efeito, utilizou-se como metodologia a pesquisa qualitativa, o método História Oral-Autobiográfico, por se considerar o mais adequado ao objeto de estudo. No que se refere às técnicas de recolha de dados, optou-se por utilizar como principal técnica a entrevista narrativa além disso, as percepções da investigadora foram narradas no Diário de Campo. Para a análise dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo, construindo categorias e subcategorias a partir de unidades de registro selecionadas. Na discussão teórica é elaborada uma reflexão em torno de algumas questões norteadoras envolvendo as categorias de análise: Juventudes e Africanidades, o fenómeno das Migrações, Formação Docente e Práticas educativas. Por sua vez, no trabalho empírico busca-se problematizar as significações captadas no discurso dos jovens imigrantes e de docentes do ensino superior nos dois países pesquisados. Importa referir que, após a escuta sensível dos sujeitos entrevistados, defende-se a ideia da implementação de uma educação intercultural que compreenda a especificidade dos jovens africanos enquanto estudantes oferecendo-lhes assim a possibilidade de terminar seu ciclo escolar, de forma digna e eficaz. A proposta também assenta no reconhecimento destes para além da condição de estudantes, de modo a que sejam compreendidas suas identidades, suas representações, anseios e singularidades, concebendo-os como sujeitos sociais capazes de transformar positivamente a realidade na qual estão inseridos.

ELENA RODRÍGUEZ MURPHY

(University of Salamanca, Spain)

The Anglophone African novel as minor literature: from transliteration to appropriation in Nigerian writing

Keywords: Anglophone African literature, deterritorialization, transliteration, translation, minor literature, Nigerian writing.

Since its inception, Anglophone African literature has offered a wide range of examples of what Deleuze and Guattari once referred to as “deterritorialization of language” (1986: 18). On the Nigerian scene, authors such as Chinua Achebe began to write in a deterritorialized form of English in order to act in response to colonial power. In Achebe’s ground-breaking first novel, *Things Fall Apart* (1958), different stylistic devices -introduction of elements of the oral African tradition such as proverbs, myths or folktales, to name but a few- are used in order to transliterate or translate Igbo culture into English producing, as a result, a representative example of Anglophone African minor literature (Bandia 2006, 2008) and “Euro-African intertextuality” (Irele 2000: 16). In this regard, Achebe, and other authors of what has been called “the first generation of Nigerian writers”, paved the way for the following generations to continue appropriating and recreating the English language for Nigerian literature (Rodríguez Murphy 2015).

References

- Bandia, P. F. (2006). African Europhone Literature and Writing as Translation: Some Ethical Issues. In Hermans, Theo (ed.), *Translating Others*. Manchester/Kinderhook: St. Jerome Publishing, pp. 349-361.
- Bandia, P. F. (2008). *Translation as Reparation. Writing and Translation in Postcolonial Africa*. Manchester/Kinderhook: St. Jerome Publishing.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1986). *Kafka: Toward a Minor Literature*. Trans. Dana Polan. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Irele, A. (2000). Second Language Literatures: An African Perspective. In Fioupou, Christiane (ed.), *Anglophonia: French Journal of English Studies*. Toulouse cedex: Presses University du Mirail, 7- 22.
- Rodríguez Murphy, E. (2015). An Interview with Professor Paul Bandia. *Perspectives: Studies in Translatology* 23.1, 143-154
- Rodríguez Murphy, E. (2015). *Traducción y literatura africana: multilingüismo y transculturación en la narrativa nigeriana de expresión inglesa* [Translation and African Literature: Multilingualism and Transculturation in Anglophone Nigerian Writing]. Granada: Comares.

ELISABETH BATTISTA

(Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil)

Portugal Democrático e o núcleo de imigrantes políticos portugueses, no Brasil

Palavras-chave: imigração política, exílio de portugueses, representação da diáspora, Maria Archer.

A década de 50 registra o maior fluxo dos autodenominados “imigrantes políticos” que irão compor a resistência anti-salazarista no Brasil, na cidade de São Paulo. Aqui chegados, os exilados darão conta da presença portuguesa no Brasil. Depois de se sentirem no centro dos acontecimentos em Portugal, em uma conjuntura de repressão maiúscula à liberdade de expressão do pensamento, o exílio foi, para as gerações de 1950 a 1970, a ruptura com uma realidade e o desenraizamento do universo de referências que dera sentido à resistência ao regime vigente em Portugal. O Centro Republicano Português, fundado em 18 de abril de 1908, localizado na altura à Rua Conselheiro Furtado, 191, em São Paulo, era o espaço aberto aos debates do movimento de resistência à ditadura salazarista, muito frequentado, de acordo com o jornal *Semana Portuguesa*, por intelectuais brasileiros e principalmente portugueses como: Casais Monteiro, Jorge de Sena, Barradas de Carvalho, Victor Ramos, Rui Luís Gomes, os artistas Fernando Lemos, Fernando Silva, Sidónio Muralha, os escritores João Maria Sarmento Pimentel, Maria Archer; os jornalistas Paulo de Castro, João Apolinário, Armindo Blanco, João Alves da Neves e Urbano Rodrigues, os engenheiros João dos Santos Baleizão, Carlos Cruz e Rica Gonçalves. Um dos frutos das discussões será a criação do periódico *Portugal Democrático* pela ala mais atuante da representação diaspórica. Esta comunicação tem a intenção de recuperar a intensa contribuição do núcleo de intelectuais portugueses exilados no Brasil, nos anos 50 do século passado, por meio do percurso de uma das suas mais atuantes intelectuais: a autora Maria Archer.

EMELLIN LAYANA SANTOS DE OLIVEIRA

(Universidade Nova de Lisboa)

Portugal na vanguarda do Diálogo Intercultural: os Planos de Integração dos Imigrantes e os avanços na legislação imigratória portuguesa

Palavras-chave: imigração, políticas, integração, diálogo, cultura, desenvolvimento.

Enfrentando um aumento dos fluxos migratórios durante um período de crise económica e ameaça terrorista, a União Europeia teve como primeira reação restringir e, por vezes, coibir a entrada de migrantes. Os Estados-membros, maioritariamente, passaram a ter políticas mais severas, e até assimilacionistas, voltadas aos imigrantes instalados em seus territórios, de forma regular ou não.

Em contramão a esta tendência, Portugal resolveu afastar-se um pouco das políticas estritamente de regulação de fluxos imigratórios e aproximar-se de um diálogo intercultural com os imigrantes. Desde 2004, as ações de combate à imigração ilegal vêm sendo acompanhadas de medidas que visam integrar os imigrantes já residentes em território português.

Tais medidas atingem os mais diversos setores, sendo alguns exemplos: saúde, trabalho, reagrupamento familiar e cidadania. Desde mudanças legislativas à criação de planos trienais para a integração de imigrantes, Portugal se tem destacado dentro do quadro europeu como um bom exemplo a ser seguido, o que se pode constatar através do resultado do MIPEX – *Migrant Integration Policy Index*. No índice publicado em 2015, o Estado Português figura em segundo lugar do ranking, em virtude das suas políticas e legislações com fulcro a promover a integração dos imigrantes, assim como de seus direitos civis.

Diante das informações acima mencionadas, o presente artigo visa analisar as medidas portuguesas de cunho integracionistas, traçando uma argumentação comparativa com ações tomadas por outros Estados-membros da União Europeia em relação à questão imigratória. Usando Portugal como exemplo positivo, o estudo pretende demonstrar que é possível um diálogo cultural entre nacionais e imigrantes, em prol de um desenvolvimento social e económico do Estado acolhedor.

ERIK VAN ACHTER

(KULeuven –Belgium)

E depois do êxodo? Os contos de Charles Reis Felix

Palavras-chave: intertextualidade bíblica, literatura luso-americana, coletânea de contos.

Ao contrário do que acontece na Bíblia, onde “a páscoa” ocupa a maior parte da narração, na coleção de histórias *Da Gama, Cary Grant e a eleição de 1934*, Charles Reis Felix trata cuidadosamente a instalação de vários “povos” num país novo. A questão, só parcialmente resolvida na Bíblia, que aqui surge é a seguinte: “E depois do êxodo?”. E se muitos empreenderam o mesmo êxodo? Como então devem viver juntos? E deve ficar-se fiel à identidade (os dez mandamentos originais) desenvolvida antes do êxodo, ou assumir uma nova identidade, a do após-êxodo, só válida na terra prometida? O que significa, na atual América, para uma etnicidade menor (a Portuguesa) viver do lado de Canaã? E qual o estatuto da “terra prometida”, que os EUA têm promovido ao longo dos séculos, sobretudo quando é avaliado por vários emigrantes europeus enquanto a memória, às vezes ainda vaga, dos mandamentos originais entra em jogo?

Ao mesmo tempo, a presente contribuição também quer ser uma tentativa de mapear como conceitos (maná, bezerro de ouro, etc.), muito presentes no livro do Êxodo, foram transformados, sem perder o seu valor simbólico e intertextual. Seraphim, o jovem adolescente e narrador principal, conta as histórias, não só usando esses pontos de referência, mas também comparando – ingenuamente, por vezes, – como os dos outros grupos étnicos (os judeus, o franceses, os irlandeses) usam a sua memória da “grande páscoa” para construir uma Canaã idiossincrática, capaz de chocar com os outros.

Finalmente, deve-se salientar uma outra semelhança entre o livro do Êxodo e a coletânea de contos de Charles Reis Felix: ambos podem ser lidos como sendo uma compilação de várias micronarrativas que, afinal, levam a “uma trama maior”, de tal forma que não é impossível defender que o género de juntar histórias de natureza heterogénea numa só coletânea ajuda a compreender a natureza do após-êxodo.

FABIANA CARNEIRO DA SILVA

(Universidade de São Paulo, Brasil)

Mulher negra entre a maternidade e a violência: a representação rasurada na literatura brasileira

Palavras-chave: literatura brasileira e literatura afro-brasileira, *Um defeito de cor*, crítica literária e violência, representação da diáspora, escravidão no Brasil, mulher negra e representação da maternidade.

Ao contrário de outras localidades em que a mão-de-obra escrava africana foi utilizada e, como forma de registro e resistência, uma série de relatos biográficos e literários foram produzidos pelos negros e negras em diáspora, no Brasil a existência de tais produções figura como rasura em nossa História. Desse modo, o romance *Um defeito de cor*, publicado em 2006 por Ana Maria Gonçalves, pode ser considerado um acontecimento no cenário da produção literária contemporânea brasileira, na medida em que o livro tem um foco narrativo inédito: uma mulher africana escravizada ou, se consideramos a condição da narradora ao final de sua vida, quando dita o relato, uma liberta. A obra constitui-se como uma longa carta elaborada por Kehinde durante uma travessia marítima em direção ao Brasil, na qual, ela empreende uma viagem na busca daquele que seria o destinatário do texto: seu filho, Luiz. Este, apesar de ter nascido livre, teria sido vendido como escravo pelo próprio pai, o português Alberto, e desde então desaparecido. Propondo-se a contar o seu périplo, Kehinde relata sua vida, desde o momento em que, ainda criança, no Daomé, é capturada e levada ao Brasil como escrava, até a situação presente, em que, tendo voltado a residir em África, tornou-se uma rica comerciante e constituiu uma nova família. A narrativa produzida consiste em reelaborar, desde uma perspectiva negra feminina – ponto de vista cuja legitimidade é até hoje socialmente questionada –, um significativo recorte do século XIX no Brasil. Os conflitos engendrados pela experiência da escravidão, ainda latentes na contemporaneidade, se conformam no romance a partir de um discurso complexo que tem a luta pela maternidade como fundamento. Sendo assim, nesta comunicação pretendo, a partir da análise do romance, apresentar uma reflexão crítica sobre a problemática da constituição da representação da mulher negra diaspórica como mãe no Brasil. Como pressuposto e hipótese do trabalho, está a proposição de que o corpo da mulher negra é objetificado, concebido de modo sexualizado e estéril, e sua fala circunscrita à condição de subalternidade. Nessa direção, ao configurar um relato em que Kehinde dá a ver sua subjetividade enquanto mulher negra e mãe, o romance desestabiliza tais noções de modo significativo e potente.

FEDERICA LUPATI & ANA MARIA MARTINHO

(CHAM, FSCH, Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores)

The African diaspora through Portuguese hip hop music: a case study

Keywords: Hip Hop culture, African diaspora, music of the African diaspora, Portuguese Afro-descendants, Portuguese hip hop, Valete.

Hip-hop culture emerged in the 1970s in New York's black neighborhoods, particularly in the Bronx. With roots in Kingston, Jamaica, it found a rich space for its development in the block parties where a DJ played samples and entertained the community. Being at first an aesthetic manifestation, it soon became a social and political tool for the new generation who found a different way to express itself through deejaying, emceeing, breakdancing, and graffiti art. These forms of political action laid the groundwork for what became a much wider, deeply conscious, and globally dispersed cultural movement.

Portugal's first contact with hip-hop culture dates from the decade of 1980 and it happened through breakdance. It is precisely in the decade of the 1980s that the migratory traffic of people coming from the PALOPs towards Lisbon gets more intense. The African immigrants had to undergo a hurried integration that left aside all the cultural differences. Thus, they continued to suffer of a clandestine state of being and to hold on to the hope of going back home. Although at that time hip-hop had little space in the Portuguese media, through radio and television the residents of Lisbon's peripheral areas were able to access the works of the North American rappers. They became aware of their similar conditions and experiences and this led to the birth of rap.

Hip-hop also aims at negotiating between the experiences of marginalization, oppression, and ethnic prejudice, through the constant exercise of meta-language that allows it to translate the feeling of injustice lived by the young afro-descendants and at the margins of society.

In this perspective, we intent to observe how the perception and the memory of Africa and of the African diaspora is rebuilt by Valete, a Lisbon-based rapper, son of Santomean parents.

FILOMENA LOURO

(Universidade do Minho)

*Am I foreign again? – the mobility of frontiers and borders
and the definition of citizen status*

Keywords: borders, brexit, civil rights, European identity, peace process, sectarianism, segregation.

After the Brexit Referendum, the United Kingdom created for itself and its only land neighbour a fresh problem. The conflict in Northern Ireland had been solved to a large extent due to the fact that within the EU there was an environment where these identitarian conflicts could be addressed and hopefully solved peacefully, as they had been in the post Yugoslav disintegration. At the centre of the Good Friday agreement, 10 April 1998 and the Anglo Irish Treaty lies a deep scar that no longer bled: the useless frontiers, watchtowers. Duncan Morrow director of community engagement at the University of Ulster conceded that what for Northern Ireland was a “diplomatic infrastructure” for many on the leave campaign the EU was seen as a “meddling bureaucracy”. Removing that infrastructure will direct the focus again on the very physicality of the borders it had made obsolete. Hugh Orde, a police officer in the Northern Irish Police is aware of the fragility of this hard won negotiated peace: “The vision of Border controls plays into the hands of those who are yet to realize the armed struggle is over”. Raising security checkpoints, segregating communities may bring this province back to its old divisive, sectarian, past.

I propose to interpret the reactions of Irish and British, leavers or remainers, Nationalists or Unionists regarding this new possibility of erecting a fresh border where the scars of the former ones were expected to erode creating a honourable face of unity. The new pawns in the equation are the EU migrants who have joined in as labour force to a till now emerging prosperous economy. They may well ask: “Am I foreign again?”

FRANCISCO PAULO DA SILVA

(Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/Universidade de Coimbra)

IZAÍRA THALITA DA SILVA LIMA

(Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil)

*Discursos e práticas da/na política desenvolvimentista da
ditadura militar brasileira: efeitos sobre os povos indígenas*

Palavras-chave: discurso, ditadura militar, indígenas, território, identidades, resistência.

Durante a ditadura militar brasileira, que vigorou de 1964 a 1985, vários foram os ataques aos direitos dos povos indígenas. A Comissão Nacional da Verdade – CNV – conseguiu apurar que deslocamentos forçados de suas terras, torturas, prisões, estupros, práticas de genocídio foram algumas das violações praticadas pelo Estado brasileiro, em associação com setores empresariais e ruralistas, contra os povos indígenas. Este trabalho centra-se sobre as violações referentes ao esbulho de terras e remoções forçadas dos povos indígenas de seus territórios e seus efeitos sobre comunidades indígenas afetadas no período da ditadura militar brasileira e que foram registrados no Relatório da CNV (Brasil). O objetivo é analisar, nos projetos desse Estado de exceção, discursos e práticas que fundamentaram a política de espoliação territorial e seus efeitos sobre as comunidades afetadas, com foco para os mecanismos discursivos que fundamentam a resistência indígena na luta pelo direito ao território. O trabalho sistematiza que a questão do território envolve relações de poder que ultrapassam o meramente político, pois necessita ser tratado em seus aspectos culturais e simbólicos, o que foi desconsiderado no Estado de exceção, em função de seu projeto político-econômico. Ademais, apresenta a relação território e comunidades indígenas como constitutivas das identidades desses povos e, portanto, a usurpação do território pelo Estado, no contexto analisado, constituiu-se em grave violação aos direitos dos povos indígenas.

**GIOCONDA SANTOS E SOUZA MARTINEZ &
MARIA BEATRIZ SOUZA MARTINEZ**

(Universidade Federal de Roraima, Brasil)

*A ligação rodoviária na tríplice fronteira da
Amazônia Setentrional no Brasil: Um desafio*

Palavras-chave: fronteira, transporte, mobilidade.

O Estado de Roraima, na Amazônia setentrional, é a fronteira brasileira tríplice que integra os países Venezuela, Brasil e Guiana, e dessa interação dependem atualmente quase 2 milhões de pessoas. As fronteiras possuem um conceito multidimensional, abrangendo como função desde a sua visão *stricto sensu* como linha de demarcação, a qual afirma o limite territorial entre os Estados, até uma visão mais crítica, como uma marca que produz hierarquia, diferenciando o que é doméstico do que é estrangeiro e servindo como um “filtro” para selecionar a entrada do que é desejável aos interesses dos governos. A execução rodoviária entre países possibilita, entre muitos benefícios, o incentivo ao comércio, o acesso a um porto, amplas possibilidades de turismo, inclusive o ecoturismo, acesso a outras malhas aéreas internacionais, facilidade de execução de missões internacionais em muitas áreas, tais como a área educativa, de saúde, de vigilância sanitária, de agricultura, de segurança, enfim de responsabilidade com países vizinhos. Diante desse importante entendimento e considerando a malha viária da nossa região, nos deparamos com a seguinte questão: Quanto ganhamos, nos anos 90, com a execução da BR174 entre Boa Vista, no Brasil, e Sta Elena de Uairen, na Venezuela? Quanto poderíamos ganhar com uma ligação confortável e segura de 487 km até Georgetown? A inauguração da Ponte do Rio Tacutu, em 2009, ressignificando uma nova visão do eixo Boa Vista – Georgetown o que nos trouxe até hoje?

Este artigo pretende abordar tais questões, através de uma reflexão sobre o que a presença ou ausência dessas ligações rodoviárias podem trazer aos países interligados.

HELENA COSTA TOIPA
(CECH, Universidade de Coimbra)

A itinerância dos padres jesuítas no século XVI
Relato da viagem de Pedro Perpinhão, de Alcalá de Henares a Roma

Palavras-chave: Pedro Perpinhão, Companhia de Jesus, século XVI, carta, viagem.

As funções atribuídas aos padres da Companhia de Jesus, durante o século XVI, levaram à sua frequente e característica mobilidade por vários países e continentes. O envio de cartas com relatos minuciosos sobre a sua atividade, como missionários, reitores, professores dos colégios ou outros, dirigidas aos superiores hierárquicos ou aos companheiros, era, por isso, uma prática instituída e regular e elas são, na maioria dos casos, fontes históricas do maior relevo.

Pedro Perpinhão (1530-1566), um desses padres, enviou uma carta aos antigos companheiros de Coimbra, relatando a sua viagem para Roma, que dá uma visão clara do que era viajar no século XVI, em plena crise religiosa, através de Espanha, França e Itália, num percurso nada isento de perigos e contratempos. Para além do elenco de mosteiros, santuários, relíquias e milagres, visitados e lembrados ao longo do itinerário, a carta inclui também preciosas informações sobre paisagens, condições climatéricas, formas de transporte, alojamento, assistência médica, história local, costumes, colégios, companheiros e amigos da Companhia com quem iam contactando e sensações que vão da admiração e encantamento até ao medo e consternação, o que a torna um documento importante da literatura de viagem do século XVI.

HELENA FERREIRA & ALINE FERREIRA

(Universidade de Aveiro)

Emigrantes – Estranhos numa terra estranha

Palavras-chave: Shaun Tan, emigrantes, identidade, pertença, cultura, eu e o outro.

Shaun Tan nasceu em 1974 na Austrália Ocidental. É licenciado em Belas Artes e em Literatura Inglesa e atualmente trabalha como artista e autor *freelance* em Melbourne. Participa ainda em projetos de cenografia, arte conceptual e cinema de animação. As suas obras de carácter histórico exprimem sempre uma crítica social e política e como o próprio autor afirma, revelam o “interesse recorrente pela ideia de «pertença»” (Tan, 2007).

O presente estudo centra-se na sua obra *Emigrantes*, de 2007, que conta a história, em imagens, de um homem que deixa a sua família para partir rumo ao desconhecido. Este emigrante chega a um lugar “enlouquecido” de costumes estranhos, animais peculiares, objetos flutuantes e idiomas indecifráveis. Desta forma, Tan introduz temas como a difícil adaptação a outra cultura, a importância da família, a identidade e o sentimento de pertença. Na pesquisa para este livro, o autor recolheu histórias autobiográficas de emigrantes, o que muito contribuiu para que esta obra fosse ecuménica, uma vez que equivale à realidade que enfrentam muitos emigrantes contemporâneos ou de outras épocas e de qualquer lugar. Esta é uma obra peculiar porque prescinde da linguagem escrita. Como refere Tan (2007), “o protagonista não pode ler nem compreender nada naquele novo país, assim o leitor também não deve poder”, para que possa vivenciar um sentimento de incerteza e de descoberta, permitindo assim que este se coloque facilmente no lugar do protagonista, assumindo que esta é uma situação pela qual todos podemos passar.

A abordagem metodológica escolhida para analisar as ilustrações que relatam esta história foi a gramática do *design* visual de Kress e van Leeuwen, que sendo um método detalhado e explícito, permite que as imagens sejam analisadas como textos comunicativos visuais, não como um texto fechado em si próprio, mas inseridas no contexto sociocultural de que fazem parte.

HILARINO CARLOS RODRIGUES DA LUZ

(CHAM, FCSH/NOVA – Universidade dos Açores)

Representação da fronteira em Ruy Duarte de Carvalho

Palavras-chave: Angola, Ruy Duarte de Carvalho, produção literária, paisagens, fronteiras, memória.

Num contexto constante de circulações, de passagens entre fronteiras, bem como entre géneros literários diferenciados, Ruy Duarte de Carvalho metamorfoseia a produção discursiva em documento vantajoso para os estudiosos da cultura. Nele encontramos, através de uma representatividade concreta, uma forma de estar no mundo angolano, e, em inferência, um outro modo de expressar, conhecer, projetar, executar e representar fronteiras. Esse processo particular da literatura e do respetivo autor em questão exprime com vocábulos, gestos, reflexos às suas experiências de um homem *viator* atento, portanto um olhar em paisagens literárias. Essa paisagem apresenta-se como um instrumento oblíquo de transculturação que pode encurtar olhares, mundos, e fronteiras. O trabalho com a realidade é visível através de um sistema de representação material e arquivico-dinâmico, no qual se podem reinscrever vestígios de memória e de espaços coletivos. Esse procedimento memorio-discursivo é uma forma de reapropriar lugares, organizar sentidos, discursos em tempos pretéritos, e uma forma de representar a paisagem e o espaço do sul de Angola.

ISA VITÓRIA SEVERINO

(Instituto Politécnico da Guarda)

Gaibéus ou os novos gaibéus?

Palavras-chave: *Gaibéus*, Alves Redol, neorrealismo, êxodo, exploração, personagem.

Alves Redol inaugurou em 1939, com o seu primeiro romance, *Gaibéus*, o movimento neorrealista, no qual glosou a vida dos jornaleiros que trabalhavam na monda do arroz numa das lezírias do Ribatejo.

O autor faz deste romance o mural de exploração, desespero e fome. Recupera para a escrita a faina de homens e mulheres que vinham de outras terras, como alugados para um trabalho árduo. Expõe os maus tratos, as árduas condições a que estavam sujeitos; denuncia a exploração dos gaibéus; revela o abismo intransponível entre o proprietário e o assalariado e estabelece o contraponto entre a resignação e passividade de uns e a consciência e angústia de outros.

Assim, no âmbito desta comunicação, pretendemos analisar os vetores temáticos e ideológicos presentes em *Gaibéus*, relacionando-os com a personagem, “enquanto via preferencial de acesso aos vetores semântico-pragmáticos” (Reis, 1983) que o movimento neorrealista impõe.

É ainda nosso objetivo incidir sobre a atualidade do romance, uma vez que os gaibéus que povoam o romance de Alves Redol são o reflexo de “novos gaibéus”, os quais, apesar de terem vidas dissemelhantes, não deixam de partilhar o mesmo medo e/ou a mesma angústia.

ISABELA BENTO DOS SANTOS & REGINA DE PAULA MEDEIROS

(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil)

A identidade em obra no percurso migratório no contexto da migração internacional de retorno ao Brasil

Palavras-chave: migração internacional brasileira, retorno, identidade, cultura.

O Censo Demográfico Brasileiro (IBGE, 2010) constatou a entrada significativa de imigrantes internacionais no Brasil. Desde 2000, é observado que o fluxo de pessoas para o país não é composto apenas por estrangeiros, mas também por brasileiros que retornaram após terem vivido no exterior. Esse fenômeno foi denominado como migração internacional de retorno.

O retorno é reconhecido como um fenômeno social complexo que se equivale à primeira emigração, pois envolve, além da tomada de decisão e interrupção dos laços de convivência diária no país de destino, alterações nas identidades, modos de vida e sistemas de significados desses sujeitos. O migrante de retorno, mesmo que regresse ao país de origem, depara-se com alterações no ambiente físico, assim como prováveis mudanças nas trajetórias dos personagens que compunham o seu universo. Portanto, lida com o familiar estranho e com o estranho familiar.

A questão dos fluxos de retorno é enigmática e de difícil compreensão, já que questiona-se o caráter unidimensional e definitivo das migrações (Durand, 2006), justificando o seu estabelecimento como objeto de estudo, principalmente no campo das ciências sociais. Botega, Cavalcanti & Oliveira (2015) destacam a relevância em considerar o retorno nas políticas migratórias, já que ele se constitui em uma “nova migração para um local ainda mais desconhecido”. Regressar às origens implica fatores que devem ser considerados: trabalho, família, finanças, por exemplo, o que requer necessariamente novas adaptações, negociações de identidades e conciliações com o grupo local.

Nossa proposta para esse congresso, portanto, é discutir a construção e negociação de identidade dos migrantes brasileiros que retornam ao território nacional. Trata-se de uma pesquisa etnográfica em desenvolvimento (dissertação de mestrado), a ser concluída em dezembro 2016. São usadas as técnicas de observação do contexto, das relações e rituais e entrevistas em profundidade com os retornados de diferentes países para o Brasil.

JAMAL EN-NEHAS

(University of Moulay Ismail, College of Arts and Social Sciences, Morocco)

Framing Borders in the Age of "Free" Movement: From the Ideals of Discourse to the Ordeals of Reality

Keywords: border crossing, identity politics, migration, self and other, travel.

It might seem paradoxical that, in an age in which concepts and value systems are constantly subjected to the politics of revisionism and to the principles of alterity, fluidity, and liminality, travel and border crossing are still deeply entrenched within their age-old boundaries, insular perceptions, and binary oppositions and dualities of Self and Other. The way we travel today and narrate self and travel is still largely inspired by these perceptions which punctuate our thoughts and evoke memories of visited and denied places, fulfilled and deferred aspirations. How should these narratives, real or fantasized, which result from these personal journeys unfold and genuinely reflect that which is suppressed, though also occasionally denounced, by the media and the political establishment? Is it normal for the refugee and the migrant to undergo the ordeal of compulsory passage, its tribulations and uncertainties? Why should borders turn into impenetrable sites, where journeys come to a halt and promises are dashed, as the distressful realities of the stories of refugees and economic migrants unravel these days? How does the quest for self-fulfillment and liberation from the constraints of place and its defining matrices create a shift in the perception of the journey and its subsequent ramifications? How do diehard systems of cultural entrenchment and absolutism, border control, screening and profiling, and the various forms of exclusion hamper the desire to cross borders, embrace others and redefine the self in new territories? What “memorable” image(s) do travelers, migrants, and refugees retain from their shocking, often frustrating and distressful, contacts with a country's border zone, which often appears more of a site of rigidity and denial than acceptance and embracement, or to put it in Ali Behdad's words, “a site of policing and discipline, control and violence”? What makes land crossing unique in its own perspectives and revelations? How does the excruciating experience of sea crossing relate to the collective human unconscious, to borrow the popular Jungian phraseology, and consequently reveal the “unfathomed depths [which] lie concealed beneath its reflecting surface”? How does this middle passage for the migrant and refugee turn into horror and tragedy, a burial site instead of the most celebrated part of the journey, the traditionally cherished on account of its association with the manhood, virility, maturity, and valor of mythical figures and romantic heroes?

Drawing largely on the above questions, this paper examines several aspects of the postmodern condition of travel and the perception of displacement as an inevitable physical process and as a discursive practice which, paradoxical and aberrational as it might appear, often inspires the self to break through artificial barriers and arbitrarily imposed geographical identities. This paper also seeks to explore the various manifestations of travel in the postmodern era beyond the body and its physical sphere by delving into the realms of identities as metaphorical constructs, as reified images of fractured selves which, despite the constraints imposed on them, are defiant and transgressive. Such factors as realpolitik, the denaturalization of familiar spaces and routes, and the insularity of cultures and value systems impose new realities on a fragile self which is often vitiated by economic and social conditions, and complicate the process of engagement with border zones. In a Kafkaesque climate of suspicion, fear, and uncertainty, most narratives of border crossing have simply ceased to intrigue and arouse suspense and curiosity in the classical romantic sense, for they have now given way to the essentialism of bureaucracy and manipulation. Devoid of any pleasure principle, these narratives can only reflect the negativity of states and encounters, the horrors of war, bereavement, destruction, and desolation.

JOANA MESTRE COSTA

(Universidade de Aveiro)

*Flora Cochinchinensis de João de Loureiro:
uma interseção Ocidente-Oriente do Portugal de setecentos*

Palavras-chave: João de Loureiro, *Flora Cochinchinensis*, literatura científica portuguesa, jesuítas, relação Ocidente-Oriente, setecentos.

João de Loureiro, padre jesuíta português setecentista, enviado a apostolar por quatro décadas no Oriente, encerraria, com a *Flora Cochinchinensis*, as suas missões levantinas, oferecendo à farmacognosia europeia a descrição de 185 novos géneros e de quase 1300 espécies orientais e a explicitação das respetivas aplicações terapêuticas.

Labor de vanguarda, no contexto da ciência finissecular do setecentos europeu, a *Flora Cochinchinensis* de João de Loureiro é, indiscutivelmente, herdeira do humanismo português e da privilegiada relação Ocidente-Oriente que o luso pioneirismo marítimo inaugurou e que a presença inaciana no Levante cimentaria.

Movido pela sua grande curiosidade científica e, entre outras, pela dificuldade no acesso à farmácia ocidental, o missionário, secundado pelos estudos de Dioscórides e de Lineu, dedicou-se à investigação da botânica oriental e das aplicações medicinais das plantas nativas. O trabalho desenvolvido por João de Loureiro, sobretudo em consequência do envio para a Europa de um herbário coligido pelo jesuíta, mereceu, por parte da comunidade científica internacional, um interesse altíssimo e imediato. Dele resultou, primeiro, um interessante intercâmbio científico entre Oriente e Ocidente e, finalmente, à chegada do jesuíta à metrópole, a publicação da sua *Flora Cochinchinensis*, em 1790, pela Academia das Ciências de Lisboa, bisada, três anos mais tarde, em Berlim, por iniciativa de Karl Ludwig Willdenow. Ademais, este *opus* seria citado em importantes estudos de fitologia e o nome do seu autor, depois de registado entre os dos membros da Academia das Ciências de Lisboa e da Royal Society of London, imortalizá-lo-ia a taxinomia vegetal.

Considerando o percurso de João de Loureiro e também a partir do seu próprio testemunho no prefácio da obra, cuja tradução do latim e análise fizemos, pretendemos debater a relevância da *Flora Cochinchinensis*, mormente no quadro do intercâmbio científico e cultural entre a Europa e o Oriente, entre os séculos XVI e XVIII.

JOLANTA SZYMAŃSKA

(Jan Kochanowski University in Kielce/University of Warsaw, Poland)

Migration crisis: Visegrad Group and the future of the Common European Asylum System

Keywords: refugees, migration, crisis, relocation, asylum, Visegrad Group.

The current refugee/migration crisis is one of the most serious challenges faced by the EU. The European Agenda on Migration presented by the European Commission in May 2015 started a debate on common EU response on migration challenges. The EU quota plan to relocate refugees across the member states has created division between Western and Eastern European countries over how best to help "frontline member states" such as Greece and Italy cope with thousands of migrants.

The paper examines the state of play in EU debate on refugee allocation system and the wider reform of the Common European Asylum System, with the special emphasis on the position of Visegrad Group countries in this debate. The article focuses especially on European Commission's proposal to establish a new Dublin system with a corrective allocation mechanism and the reaction of V4-countries on this proposal. The paper aims to answer following questions: 1. Why are V4-countries against creation of mandatory system of refugee allocation across the EU?; 2. Is it possible to overcome deep rifts that have developed between EU member states (in particular V4 and Western Europe) regarding migration policies and refugee quotas? ; 3. How to find solution that is acceptable for everyone and that would allow to turn European Commission's goal - "fairer, more efficient and more sustainable system for allocating asylum applications among Member States" - into reality?; 4. How to limit negative effects of Europe's deep divisions over migration in the short- and long-term?

JOSÉ CÂNDIDO DE OLIVEIRA MARTINS

(Universidade Católica, Braga)

Maria Ondina Braga, migração, errância cosmopolita

Palavras-chave: errância, migração, memória, Maria Ondina Braga.

A escrita de Maria Ondina Braga é bem representativa das suas diversas viagens e migrações pelo mundo, da Europa até África e ao Oriente. Essa errância geográfica fecundou manifestamente uma obra singular, que se alimenta das múltiplas experiências e memórias, numa escrita aparentemente diarística e sobretudo genologicamente híbrida.

JOSÉ CARLOS FERNÁNDEZ CORTE

(Universidad de Salamanca, España)

Gelonos, un pueblo en las fronteras del Imperio romano

Palabras claves: pueblos de frontera, triunfos, representaciones artísticas, finales de poemas, finales de libros.

Usando una metodología de historia literaria inmanente pretendo seguir una posible rivalidad entre poetas a través de los cambios en un adjetivo, *sagittiferos* o *pharetratos* aplicados a un nombre étnico, *Gelonos*. Horacio corrige a Catulo usando un verso de Virgilio; Virgilio, que ha visto el trabajo de Horacio rechazando *sagittiferos* y que ha apreciado que incluso haya tomado de *Geórgicas* el término *pharetratos* para adjudicárselo a *Gelonos*, rechaza, sin embargo, la solución “virgiliana” de Horacio, dándole en la *Eneida* a *Gelonos* una solución catuliana: *pharetratos gelonos*.

Si atendemos a los contextos en que figuran *sagittiferos*, *pharetratos* y *Gelonos*, resulta que el primero se encuentra en el poema 11 de Catulo, contemporáneo del triunfo de Pompeyo, cuyas conquistas en Asia hicieron avanzar las fronteras romanas y propiciaron una nueva visión del espacio del Imperio: Clarke 2003, Feeney 2007. Por su parte los *Gelonos*, tanto en Horacio como en Virgilio, están relacionados con los triunfos de Augusto y con las fronteras del Imperio. El triunfo no solo supone un evento cultural de primer orden que produce en el público romano el orgullo de ser dominadores de otros pueblos, sino que también deja huellas directas e indirectas en la literatura. Por ejemplo, los triunfos de Augusto están representados en un objeto bélico y artístico, el escudo que Vulcano entrega a Eneas, donde, a diferencia del de Homero que hablaba del “mundo real”, aquí es el mundo de la historia romana el que queda incluido dentro de sus límites materiales. En los escudos, como en los Imperios, hay centro y periferia, (Thomas, 2004) y en esta última aparecen los *Geloni*. Este pueblo de la frontera oriental del Imperio también se sitúa en el espacio liminar de los libros de poesía augústeos: finales del VIII en Virgilio, finales del segundo de Odas de Horacio. La realidad política del Imperio, su escenificación simbólica y su representación artística quedan unidas por una poderosa analogía que explota la noción de pueblo fronterizo.

JOSÉ ORTIZ CÓRDOBA
(Universidad de Granada, España)

Emigración e integración en las colonias romanas de Lusitania

Palabras clave: emigración, colonización, integración, *Lusitania*, César, Augusto.

Los movimientos migratorios constituyen uno de los grandes fenómenos históricos que han condicionado de forma continuada la historia de la Humanidad. Una de las proyecciones más características de las dinámicas migratorias en la Antigüedad estuvo constituida por el fenómeno de la colonización. Su presencia se constata, con diversas formalizaciones, desde época fenicia y griega, afectando fundamentalmente a las zonas costeras de la Península. Sin embargo, será en época romana cuando adquiera, particularmente gracias a la labor de César y Augusto, un carácter sistemático que terminó por afectar a la totalidad del territorio peninsular y cuya trascendencia, cuantitativa y cualitativa, ha sido subrayada en numerosos estudios recientes y en los testimonios de las propias fuentes clásicas.

La propuesta de comunicación que presentamos, incardinada en el marco de la tesis doctoral *Emigración e inmigración en la Hispania romana (Siglo I-II d.C.)* que actualmente desarrollamos en la Universidad de Granada, pretende ofrecer una visión de conjunto sobre las colonias romanas de *Lusitania* en la época de César y Augusto. Conforman este periodo un momento de gran trascendencia histórica para la región pues supone el inicio de una política sistemática de urbanización en la que las nuevas colonias jugarán un papel trascendental como elementos vertebradores de la nueva realidad provincial creada por Augusto. Partiendo de esta idea central profundizaremos posteriormente en determinados aspectos concretos de cada una de estas colonias, como su fecha de fundación y los contingentes de población asentados en las mismas, prestando especial atención al elemento militar, particularmente a su procedencia y a su posterior integración en la élite rectora de las distintas colonias.

LÚCIA MARIA DE ASSUNÇÃO BARBOSA

(Universidade de Brasília, Brasil)

Novas migrações, novos desafios: plurilinguismo e o ensino-aprendizagem de Português como língua de acolhimento: a experiência da Universidade de Brasília

Palavras-chave: movimentos migratórios, ensino de Português, língua de acolhimento, inserção laboral, plurilinguismo, multilinguismo.

Esta comunicação objetiva discutir os desafios que se colocam no contexto de ensino-aprendizagem de PLE a grupos de imigrantes e refugiados, a partir de cursos ministrados na Universidade de Brasília (UnB). Abordaremos mais especificamente as diferentes perspectivas e frentes do Projeto de pesquisa “Português como língua de acolhimento em contexto de imigração e refúgio: inserção linguístico-laboral no Distrito Federal” (UnB/FAP-DF). Nossa experiência mostra que algumas respostas às nossas indagações sobressaem quando reconhecemos as especificidades desse contexto de ensino e de aprendizagem e tudo o que dele resulta. Nesse sentido, serão apresentados dados parciais obtidos por meio de pesquisa de campo, os quais contribuem para repensarmos e analisarmos os desdobramentos da imigração contemporânea em solo brasileiro. Neste campo de ação, as repercussões são visíveis no que se refere, principalmente, à formação de professores e à inserção de crianças e jovens imigrantes em escolas públicas, por exemplo. Conceitos como o de representações sociais, multiculturalismo, interculturalidade, plurilinguismo e cultura de aprender ganham força, pois colaboram para uma possível compreensão de inúmeros fatores.

LUIZ GONZAGA MARCHEZAN

(Unesp Araraquara/Fapesp, Brasil)

*Notas sobre gestos insípidos em Mínimos, múltiplos, comuns,
de João Gilberto Noll*

Palavras-chave: João Gilberto Noll, microconto.

Os microcontos de *Mínimos, múltiplos, comuns*, de João Gilberto Noll (2003), reúnem situações em que as personagens – desmemoriadas, letárgicas – se apresentam em condições sombrias, vivendo uma distopia, a vagar num tempo rude e distante, como o tempo bíblico dos primeiros dois volumes do *Antigo Testamento*.

LURDES DE CASTRO MOUTINHO & ROSA LÍDIA COIMBRA
(CLLC, Universidade de Aveiro)

Do litoral ao interior: distâncias geográficas e prosódicas?

Palavras-chave: variação, prosódia, fonética experimental, distâncias prosódicas, análise acústica, dialetologia.

A necessidade de uma descrição e comparação dos traços prosódicos das variedades linguísticas do espaço românico está na base do nascimento de um projeto internacional, o projeto AMPER (Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico). Nele estão envolvidas equipas de diversos centros de pesquisa europeus e latino-americanos, que adotam metodologias comuns de constituição, recolha e análise acústica de *corpora*. Pelas análises que têm vindo a ser realizadas, tem-se constatado uma grande variedade linguística no espaço românico também no que concerne à variação prosódica, mesmo considerando um mesmo domínio linguístico.

Nesta comunicação, pretendemos apresentar resultados relativos a algumas estruturas entoacionais em duas regiões de Portugal continental, contemplando o litoral e o interior do país. O nosso estudo incidirá sobre várias estruturas frásicas nas modalidades declarativa e interrogativa global, utilizando o protocolo de análise experimental habitual definido para o projeto acima mencionado.

MANUEL AZNAR SOLER

(Universitat Autònoma de Barcelona, España)

Literatura, historia y política del exilio republicano español (1939-1978)

Palabras claves: exilio, República, Franquismo, literatura, historia, política.

A través del comentario de una pequeña antología de textos que abarcan el periodo entre 1939, año de inicio del exilio, y 1978, año en que se promulga la Constitución actualmente vigente, se analizará la evolución literaria, histórica y política del exilio republicano español. La nostalgia de la tierra perdida; la esperanza de recuperar el paraíso perdido; la espera esperanzada en que la derrota del fascismo internacional durante la Segunda Guerra Mundial signifique también el fin de la dictadura militar franquista en España; la gran desilusión posterior por su consolidación en el contexto de la “guerra fría”; la tragedia del desarraigo; las vueltas y los viajes ficticios y reales; el fin del exilio y la revelación de un exilio sin fin, son algunos de los temas que se comentarán a lo largo de la intervención.

MANUEL FERREIRA RODRIGUES

(Departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Aveiro)

A presença discreta dos galegos em Aveiro

Palavras-chave: migrações, Galegos, comércio ambulante, integração social, Aveiro.

Entre o final de Oitocentos e os primeiros decénios de Novecentos, passaram por Aveiro muitos galegos, com destino a diversas vilas e cidades portuguesas, ou a caminho da América Latina. Deixando familiares no Porto, Espinho e Estarreja, alguns desses “peregrinos do trabalho” – como lhes chamou A. Meijide Pardo – fixaram-se em Aveiro, deixando marca (discreta) na toponímia, na antroponímia e em diversas atividades económicas, nomeadamente no trato do sal, na pesca, no comércio ambulante ou de “porta aberta”. Testemunham de forma eloquente uma excelente integração económica, social e cultural, facilitada pelas origens históricas e linguísticas comuns, pela proximidade geográfica, pela identidade cultural. Pelas peregrinações a Santiago: “em vida ou depois dela, todos vão a Compostela”, diz-se numa história popular, fixada por João Sarabando. Trata-se de um fenómeno comum a todo o País, o que levou Rodrigues Lapa a afirmar, citando A. Herculano, que “todo o Portugal é mais ou menos galego”. Essa familiaridade chegou aos nossos dias, não obstante o “carácter assimétrico das relações entre Portugal e a Galiza”, como salientou Pilar Vázquez Cuesta num lamento. A Galiza “tem estado mais perto de Portugal do que Portugal da Galiza”, o que leva a eminente escritora e filóloga galega a perguntar: “¿Como explicar esta tremenda desigualdade na atención mutua que os intelectuais de cada país prodigan ó outro sendo estes limítrofes e tendo compartilhado durante vários séculos a mesma história? Mesmo Camões, com raízes na Galiza, em *Os Lusíadas* (Canto IV: 10) referiu-se aos seus naturais de forma depreciativa – «Ó sórdidos galegos, duro bando»”.

Mas esses Benitos Pradas não vinham sós. Segundo os registos dos “passaportes internos”, integravam uma multidão colorida de gente com estatutos socioprofissionais variados, proveniente de Espanha, Itália, França, Grã-Bretanha, Alemanha, Suíça, Sardenha, etc. Dos “espanhóis”, o maior número é oriundo da Galiza.

**MARCÉLIA GUIMARÃES PAIVA &
RAQUEL BEATRIZ JUNQUEIRA GUIMARÃES**
(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil)

Os caminhos e os sentidos do exílio na poesia de Ferreira Gullar

Palavras-chave: exílio, ensimesmamento, exílio político, migração, paraíso, poesia brasileira.

O exílio é uma questão universal e pode ser vivido dentro da própria pátria ou da comunidade – o aqui chamado exílio existencial, íntimo ou interior – e/ou vivido fora dela como o que se verifica com os deslocamentos humanos que ocorrem em toda a História, com destaque para os trágicos movimentos migratórios no século XXI. Comumente associado à situação resultante de deslocamento geográfico, o exílio também ocorre em lugares/espços não geográficos, no interior do indivíduo. Esse indivíduo é banido de seu grupo social por não aderir aos valores compartilhados pela maioria, com isso torna-se um exilado. Na dimensão literária, existe uma tradição de poemas de exílio. Nesta comunicação, são analisados poemas de Ferreira Gullar, um poeta brasileiro herdeiro dessa tradição. Para determinar a escolha e a análise dos poemas considerados “de exílio”, foram levados em conta a presença, na cena poética, dos seguintes aspectos: o exilado está fora de casa, tem consciência do exílio, é um ser sozinho, deseja um paraíso e passou por uma experiência de exílio anterior. Observa-se nos poemas escolhidos tanto um exílio íntimo como aquele resultado de deslocamentos geográficos. Também é possível ver, nesses poemas, que ser poeta é ser uma voz dissonante e uma estratégia para se sobreviver ao exílio ou cultivar a língua perdida. Nesses poemas sobressai a questão do retorno como uma tentativa de buscar o paraíso no texto. As análises desses poemas são orientadas especialmente pelas reflexões teóricas de Edward Said, Homi K. Bhabha, Jacques Derrida, Paul Ilie e Paul Tabori.

MARIA DE FÁTIMA SILVA
(CECH-FLUC, Universidade de Coimbra)

*Alexandre, o conquistador da Ásia:
a arte de dar novos mundos ao mundo*

Palavras-chave: Ásia, costumes, etiqueta, treino militar, conflitos culturais.

Alexandre da Macedónia, justo merecedor do título de Magno, representou para o mundo seu contemporâneo um derrubar de fronteiras, políticas e culturais, que transformou as fronteiras entre a Europa, Ásia e África. Mais do que as vitórias militares, em que o jovem rei se mostrou exímio estratega, vai interessar-nos o plano que forjou de modo a criar uma verdadeira fusão política e cultural entre os povos conquistados. Apesar das barreiras que vontades adversas lhe opuseram, Alexandre conseguiu, mesmo assim, que o mundo que deixou, precocemente, se tivesse para sempre modificado.

MARIA DO CARMO CARDOSO MENDES

(Universidade do Minho)

Representações da diáspora cabo-verdiana: a obra de Orlanda Amarílis

Palavras-chave: Amarílis (Orlanda), diáspora, literatura cabo-verdiana.

Orlanda Amarílis, a primeira narradora cabo-verdiana com obra publicada, dedicou a sua produção literária à representação da diáspora cabo-verdiana, focalizando o ponto de vista feminino. As suas três coletâneas de contos – *Cais-do-Sodré té Salamansa* (1974), *Ilhéu dos Pássaros* (1983) e *A Casa dos Mastros* (1989) – são narrativas centradas na emigração forçada de mulheres cabo-verdianas em contextos colonial e pós-colonial.

Os propósitos desta comunicação são, assim: 1) Identificar os conceitos de viagem e de migração propostos pela narradora nas três coletâneas; 2) Explicitar os nexos intertextuais que se estabelecem entre as três obras e o modo como a diáspora constitui o eixo agregador das mesmas; 3) Demonstrar que os contos de Orlanda Amarílis constituem uma reflexão muito relevante, no contexto das literaturas africanas de língua portuguesa, sobre a diáspora cabo-verdiana.

MARIA DO SOCORRO DE SOUSA ARAÚJO

(Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil)

Artifícios da convivência entre bolivianos e brasileiros em faixa de “fronteira seca”

Palavras-chave: Bolivianos, fronteira, convívio, região, pertencimento, identidade.

Com uma extensão de aproximadamente 17.000km e com exceção do Chile e do Equador, o Brasil faz fronteira terrestre com os demais países da América do Sul. Esses territórios estão distribuídos em 588 municípios pertencentes a 11 Estados. Entre estes se localiza a cidade de Cáceres/Mato Grosso, que se distancia da província de San Matias/Bolívia, cerca de 90km num espaço de “fronteira seca”, assim denominado por não existirem marcos fronteirios naturais. Essa característica geográfica possibilita um trânsito facilitado na faixa de fronteira por onde circulam intercâmbios comerciais, deslocamentos de mão-de-obra, circulação de pessoas, veículos e outros bens. Por esse espaço também acontecem fluxos migratórios (especialmente de bolivianos) legais e ilegais, ainda que haja instituições bilaterais que operem mecanismos de controle nacionais. Nas últimas quatro décadas, a imigração de bolivianos para o Brasil tem se intensificado em função da perspectiva de encontrarem melhores condições de trabalho em territórios brasileiros, bem como a iminência de participarem dos benefícios sociais oriundos de programas governamentais. Esta Comunicação tratará das recentes vivências políticas, econômicas e socioculturais de bolivianos que habitam a faixa da fronteira oeste e que em terras brasileiras tentam elaborar um cotidiano comum. No entanto, o convívio entre brasileiros e bolivianos apresenta situações dissimuladas, uma vez que os formuladores de opinião e as forças de segurança, em geral, concebem essa zona de fronteira com o estigma de região de criminalidade e ilicitudes (tráfico de drogas e armas, contrabando de mercadorias, roubo de veículos, refúgio de criminosos, lugar de população violenta, etc.), silenciando e/ou ocultando outros atores sociais. A partir das estratégias de ação dos sujeitos no percurso das práticas cotidianas, as convivências apontam dinâmicas que demarcam territórios, pertencimentos e a formulação de identidades distintas.

MARÍA EUGENIA PEDROSA CASARES

(Universidad de Extremadura, España)

A emigração nos romances de José Rentes de Carvalho

Palavras-chave: literatura, emigração, emigrantes, José Rentes de Carvalho, personagens, romance.

A emigração forma parte da cultura, da história e da sociedade portuguesas como um dos movimentos que os portugueses realizaram ao longo de todo o século XX, mais intensamente nos anos da ditadura, e que atualmente volta a ser fundamental como uma das saídas perante a crise económica. A literatura tem acolhido como tema esta experiência desde as primeiras emigrações, de maneira que a literatura sobre a emigração reflete uma realidade social ao apresentar histórias ficcionais protagonizadas por pessoas que têm diferentes razões para emigrar, desenvolvendo histórias de encontros e desencontros sociais, culturais, etc. Nesta linha de pesquisa, tentamos uma aproximação à obra de José Rentes de Carvalho, autor português que escolheu como tema a emigração em vários dos seus romances. Ele, como emigrante na Holanda, cria histórias de personagens em que se misturam portugueses emigrados e holandeses, como acontece em romances como *A amante holandesa*. Também desenvolve o tema da emigração clandestina ou o contrabando na fronteira luso-espanhola em *A Coca*. José Rentes de Carvalho é um autor que merece ser estudado como um dos autores da “literatura da emigração portuguesa”. É por isso que nesta comunicação serão apresentados alguns dos romances em que desenvolve este tema e focaliza a figura dos emigrantes analisando os processos que são empregados na construção da personagem.

MARIA EUGÉNIA PEREIRA
(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

De l'insoutenable non-présence du signifiant juif chez Perec et Modiano

Mots-clés: autofiction, Shoah, Perec, Modiano.

L'autofiction est un genre emblématique récent de la littérature qui met en question les frontières entre vérité et fiction, entre réalité et imaginaire. Dans le cas de Perec et Modiano, les textes ont en commun l'empreinte ineffaçable, quoique bien cachée, de la Shoah. En effet, le manque, l'absence, le vide, l'invisibilité et le néant sont, pour ces deux auteurs, autant de tentatives pour appréhender le moi. Le fantôme, mémoire absente d'une réalité passée, expérience commune aux deux auteurs, trahit bien leur engagement identitaire, leur volonté de retrouver les débris de leur vie et de les recoller, sachant d'avance que ceux qui existent encore ne serviront, en aucun cas, à reconfigurer leur existence. Témoins absents de la Shoah, Perec et Modiano exorcisent, par l'écriture, le spectre noir qui les tourmente, mais la puissance configuratrice de cette non-présence instaure une sorte de matérialisation qui semble vouloir définir le devenir du monde occidental et le rendre insoutenable.

MARIA FERNANDA DE ABREU

(Universidade Nova de Lisboa)

Fugas. De uma menina escocesa na Europa de setecentos. Lillias Fraser

Palavras-chave: literatura, narrativa, êxodo, guerra, fronteira, exílio.

De Escócia (1746) a Portugal (1751), vemos a pequena Lillias Fraser “fugir na sua fuga de criança”. Fugir da guerra e da morte. A casa queimada e a ausência do cheiro da mãe. Desde o campo da batalha de Culloden e os saudosos céus cinzentos do norte até Lisboa, nas vésperas do terramoto. E, depois, até Almeida, no meio do cerco castelhano. Na fronteira. Regressar a Lisboa e cruzar o Tejo, agora para o sul, “De que iriam viver? Onde morar? Quem as consentiria na fronteira?”. Fugir de, deixar, partir, desertar, desterrar-se, peregrinar, procurar “outra nação”, chegar a, avançar em direção a, encaminhar-se para, morar em. Por fim, querer que a sua criança nasça “na terra de ninguém, num espaço entre fronteiras ...”. Toda uma história de exilada, escrita por Hélia Correia, ficção em português, 2001. Que casas? Que mães? Que caminhos e gentes?

MARIA FERNANDA BRASETE

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

A nostalgia de Ulisses no êxodo de Troia

Palavras-chave: Ulisses, Odisseia, *nostos*, nostalgia, herói homérico, epopeia homérica.

O *nostos* épico de Ulisses começa quando o herói e os seus companheiros deixam Troia, com o objetivo de regressarem a casa. As aventuras e desventuras de Ulisses desenrolam-se em espaços estranhos e/ou desconhecidos, em mares perigosos e longínquos. Mas a motivação do filho de Laertes para ultrapassar todas as provações das suas errâncias nutre-se sempre da lembrança saudosa da esposa e do anseio de regressar a Ítaca. Assim, a *Odisseia*, além de uma grande narrativa repleta de mar e de desconhecido, de viagens e de provações, é uma história centrada num homem que recusa a imortalidade e defronta a morte, que transpõe todas as fronteiras para concretizar o tão ambicionado retorno a casa. Ulisses, o herói da astúcia e da aventura, é também o *aner* da *nostalgia*, que repetidamente manifesta a saudade que sente da mulher e da pátria.

Pretende-se, nesta comunicação, proceder a uma análise, ainda que breve, de algumas passagens representativas dessa *nostalgia* de um herói, profundamente humanizado, em que o desejo da regressar à pátria e sobretudo à mulher se assume como um motivo psicológico estruturante e simbólico de uma epopeia que é também uma metáfora imortal da condição humana.

MARIA HELENA ANÇÃ
(Universidade de Aveiro)

Depois das fronteiras, quando os refugiados são os nossos alunos

Palavras-chave: Português língua não materna, imigrantes, refugiados, Europa, sociodidática, formação de professores de Português.

Habituaamo-nos a ter, nas escolas portuguesas, alunos de várias nacionalidades. Aliás, o ME, desde 2001, tem produzido uma vasta legislação para o ensino do Português Língua Não Materna (PLNM). Recentemente, o próprio Ministério deu a conhecer um estudo sobre o impacto e avaliação dessas medidas (Madeira et al., 2014). Subjacentes a estas, na linha de Zabala (1989) e de ‘currículo oculto’, temos questionado o facto de alunos africanos (PALOP) serem incluídos num único grupo, como se partilhassem características (socio)linguísticas e culturais. De facto, só após a viragem do milénio, com os fluxos migratórios de Leste, nos apercebemos verdadeiramente da existência de alunos/cidadãos com diferentes línguas na sociedade e na escola.

Atualmente, e no âmbito de uma Europa solidária, Portugal começa a acolher refugiados vindos particularmente da Síria: uma população fugindo da instabilidade política e da guerra. Dado tratar-se de um fenómeno muito recente, ainda são escassos os trabalhos neste âmbito. No entanto, as crianças refugiadas começam a chegar às escolas portuguesas. Como se preparam estas para as receber? Como atuam os professores de português?

Neste quadro, foram feitas duas experiências em sessões de Didática do PLNM, em duas instituições do ensino superior, pretendendo identificar os conhecimentos de mestrandos, futuros professores de português, sobre os refugiados e a sua sensibilidade linguística, para a seleção do léxico ‘fundamental’ a ensinar a crianças sírias. A primeira sessão, em março de 2016, apontou para um conhecimento superficial desta realidade. Relativamente aos conteúdos de língua a ensinar, os mestrandos apresentaram, desorganizadamente, algum léxico do domínio da sobrevivência diária, mas também do domínio da solidariedade.

Assim, este texto tem como objetivo refletir sobre essas opções linguístico-didáticas, chamando a atenção para a importância da formação de professores de português neste processo. Convocaremos uma abordagem sociodidática (Rispaill & Blanchet, 2011) que estabelece uma relação entre a(s) língua(s) e os contextos sociopolíticos.

MARIA HELENA CARREIRA

(Université Paris 8, France)

*Variedades do português em texto literário e sua tradução
em francês. Que fronteiras? Que horizontes?*

Palavras-chave: variedades linguísticas, (re)criação literária, tradução português-francês, abordagem linguística comparativa.

A recriação literária das variedades da língua portuguesa revela a complexidade dos usos e sua variação, trilhando os caminhos da criação esteticamente modelada e afastando-se da imitação pauperizada. Assim, o presente estudo basear-se-á na análise de diferentes níveis e registos de língua, a partir de um *corpus* de textos literários contemporâneos de modo a pôr em evidência os processos de recriação da complexidade linguística em português. Num segundo tempo, uma comparação com a tradução francesa, permitir-nos-á refletir de modo comparativo sobre coincidências, aproximações e discordâncias de processos linguísticos em português (texto fonte) e em francês (tradução). Tal reflexão será conduzida na perspectiva de zonas de transição, de margens que atenuam fronteiras separadoras, anulando-as, abrindo assim horizontes de interpretação de um contexto linguístico e cultural de uma língua outra – o português – graças à sua recriação em francês.

MARIA HERMÍNIA AMADO LAUREL

(Universidade de Aveiro)

*Espaços de fronteira entre mundo real, mundo plausível e mundos possíveis:
reorientações do estudo do espaço em literatura*

Palavras-chave: referencialidade, mundo plausível, mundos possíveis, “spatial turn”, ficção.

Partindo do conceito de “transgressividade”, pretende-se passar em revista os principais momentos de interrogação sobre a relação entre a literatura e o real, desde a refutação desta relação pelos movimentos estruturalistas, até às tendências subjacentes ao “spatial turn” a partir dos anos 1980 até à contemporaneidade.

MARIA LUISA NAPOLITANO
(Université de Naples Federico II, Italie)

Un itinéraire irrégulier : Philoctète, héros voyageur et coloniale

Mots-clés: Philoctète, Heracles, Sybaris, Crotone, Macalla, autochtones.

Philoctète, héros grec voyageur, de la native Thessalie à Troie et au sud de l'Italie, a déjà par Homer qualifications “spéciales”: héros de la flèche et *anax* des archers achéens dans un contexte narratif dans lequel l'arme est avilie et a perdu son potentiel militaire, héros de “bord”, déplacé dans l'Egée, avec l'arc détermine la victoire grecque sur les non-Grecs. Dans le signe d'Héraclès, héros civilisateur des terres coloniaux, après un *nostos*, un retour difficile de Troie, Philoctète arrive à Hesperia, en Italie, entre les colonies grecques de Sybaris et de Crotone, avec son arc devenant un emblème – politique et religieux – de l'hellénisme dans la relation avec les non-Grecs , dont, cependant, il est accepté et assimilé.

MARIA TERESA CORTEZ

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

Por entre terras e guerras: as “Kurzgeschichten” Glück haben (1947), de Elisabeth Langgässer, e Zwischen zwei Stationen (1946), de Günter Eich

Palavras-chave: literatura alemã do após-guerra, Elisabeth Langgässer, Günter Eich, *Kurzgeschichte*, *Vertreibungsliteratur*, motivo da fuga.

No final da Segunda Guerra Mundial, as negociações dos termos de paz entre os Aliados cedo revelaram as pretensões territoriais de Estaline como inegociáveis: redesenhar as fronteiras da URSS, alargando o seu território para parte da Prússia Oriental e para o leste da Polónia, compensando o estado polaco com territórios alemães na Prússia Oriental e Ocidental (em Brandeburgo, em Posen, na Pomerânia e na Silésia). Esta redefinição de pertenças territoriais, já anunciada pelas ações do Exército Vermelho e confirmada na Conferência de Potsdam, levou à fuga e expulsão de milhões de alemães e polacos das terras onde viviam, em condições de aterradora desumanidade.

As duas “Kurzgeschichten” de que me proponho falar incidem sobre a experiência alemã do banimento no contexto da Segunda Guerra Mundial e enquadram-se na chamada “Vertreibungsliteratur” [literatura de banimento] do após-guerra. Os protagonistas dos dois contos desloca(ra)m-se em direções opostas: rumo às novas fronteiras da Alemanha, no conto *Glück haben* [Ter sorte], e rumo às velhas terras agora entregues à Polónia, em *Zwischen zwei Stationen* [Entre duas estações]. O tratamento do motivo da fuga e a construção narrativa dos percursos de perda nos dois textos merecerão especial destaque na minha apresentação, na qual procurarei considerar também estratégias de condensação muito próprias do género “Kurzgeschichte”.

MARIA TERESA ROBERTO
(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

*Traduzir residência, traduzir identidade: elementos de difícil conciliação
na tradução de documentos pessoais, nos processos de migração internacional*

Palavras-chave: Tradução documental, equivalência funcional, intraduzibilidade, migração internacional.

As migrações internacionais implicam, por força do próprio ato de migrar, a tradução de documentos pessoais. Este estudo analisa documentos de identidade pessoal, em contexto de tradução entre as línguas portuguesa e inglesa, e identifica elementos documentais, formais, identitários, legais e culturais, entre outros, que podem configurar dificuldade no processo tradutório. Algumas questões tradutológicas, nesta mediação linguística, admitem intraduzibilidade, considerando os condicionalismos de ordem pragmática associados à documentação pessoal.

MARKO BABIĆ

(Institute of European Studies, University of Warsaw, Poland)

Political system and human migrations. The Balkans' Route

Keywords: phenomenon, refugeeness, modern political system, structural place, limes.

Multidisciplinary research of the phenomenon of refugeeness demonstrated that the standard institutional, social, discursive response can be observed, regardless of historical, social and geographical context. In the Author's interpretation, the hegemonic discursive, institutional and social approach is a consequence of the structure of the modern political system, more precisely, "the place" that refugees occupy inside the system. They are placed at the border, between sovereign political entities occupying the liminal position between the internal and the external, law and state of exception, the human and the animal. So, they are dominantly represented as dangerous, filthy, helpless group of people and the aberration from the normal state that should be removed. In that sense, they cannot achieve normal identity and are not in position to represent themselves. Do the "Balkan's Route" of migrations represent a different approach to the problem? The paper aims to offer some explanations as well tools for understanding of the phenomenon.

MITRA SHAHABI

(University of Aveiro)

Iran's Brain Drain and the Solutions

Keywords: emigration, brain drain, revolution, social & political liberties, unemployment, science & research importance.

This article seeks to focus on Iran's exodus in terms of its nature and the pull and push factors, i.e., the effects of social, cultural, economic and political factors on emigration. In this study, we present different periods of emigration in Iran, the reasons, and the emigrants' countries of interest. The study mainly centers on the phenomenon of brain drain, trying to point toward the motives of such emigration, the losses, and the solutions. The brain drain phenomenon is so common in Iran that according to the International Monetary Fund's statistics of the year 2009, Iran ranked first, regarding the number of brain drains, among the 91 developing or non-developed countries in the world. The main causes for the Iranian elite's escape can be summarized in cases like neglect to the importance of science and research, economic factors, social and political liberties, lack of meritocracy, unemployment, among others, for which some solutions are offered in this study. The Iranian are usually attracted by the countries of America, Australia, Canada, Germany, England, and France, and most of them have no intention of returning to Iran. The reasons behind emigration differ in different periods. The most principal emigration periods in Iran are before the revolution, early years after the Revolution, the period of war, and the recent period of sanctions. Before the revolution, emigrants were from the government and wealthy people affiliated to the former regime who left the country for education and some stayed in the destination country. After the revolution, many people who were against the regime and/or affiliated to the former regime, left the country. During the war, most people emigrated to flee from military service and to seek security. After the war, there formed a large population, whose college-age children emigrated to study and to find jobs.

MÓNICA CANO ABADÍA
(Universidad de Zaragoza, España)

*Refugees and Global Justice:
An Intersectional Approach on the Vulnerability of Citizenship*

Keywords: refugees, intersectionality, cosmopolitanism, global justice, vulnerability, citizenship.

The current refugee situation shows in an exemplary manner how moral blindness, indifference and loss of sensitivity (Bauman & Donskis, 2015) are affecting migrant policies. The challenges to the European conception of human rights, to the definition of refugee drafted in the Geneva Conference and to our very morality that this so-called 'refugee crisis' is posing should be analysed in order to reinforce global confidence in human rights guarantees.

This moral blindness is being materialised in Europe as national identity movements and reinforcement of politics of belonging (Yuval-Davis, 2010; 2011). In order to escape these identity politics of belonging and to be open towards a real cosmopolitanism, our moral and political responsibility should be re-activated (Young, 2011; McIntyre, 1981; Rorty, 1988; Nussbaum, 2006). As Judith Butler highlights after her Levinasian turn, vulnerability is an universal anthropological condition (Butler, 2004): humans are all susceptible to being harmed. Butler introduces a conceptual distinction between these two possibilities of vulnerability. 'Precariousness' is the common, anthropological vulnerability; 'precarity' is the culturally and socially produced vulnerability.

Nowadays, multiculturalism and cosmopolitanism are intersectional proposals that are being made by various authors in order to face inequalities and precarity in this context of global vulnerability. We would like to explore Will Kimlicka's multiculturalism, Bhabha's vernacular cosmopolitanism and Seyla Benhabib's cosmopolitanism without illusions.

These proposals are intersectional approaches that try to give an account on the actual situation of minorities. This situation is not successfully analysed from a Neoliberal point of view, which tries to give the illusion of European transnationalism and does not take structural inequalities into consideration. Facing this Neoliberal logic, intersectionality provides a multidimensional framework that allows a better understanding of inequality in this global world.

NUNO ROSMANINHO

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

A arte portuguesa e as fronteiras da Europa

Palavras-chave: arte portuguesa, fronteiras, academismo.

O esforço de afirmação identitária tende para a fixação de diferenças entre países. O forte ideário nacional desenvolvido nos séculos XIX e XX acentuou os propósitos de originalidade coletiva e exigiu, por causa disso, fronteiras geográficas permanentes e incontrovertidas. As fronteiras identitárias da arte portuguesa são uma criação contemporânea, porque só a partir do liberalismo é que os critérios de beleza começaram a englobar uma dimensão nacional. Os patriotas não precisaram de insistir na diferenciação relativamente a África, Ásia ou América, ainda que por trás destes vocábulos se acolhessem múltiplas elucubrações acerca da presença portuguesa no mundo. A particularidade portuguesa tinha de se estabelecer dentro da Europa. No entanto, durante duzentos anos, a escala europeia foi menos importante do que o confronto direto com França, Flandres, Alemanha, Itália e Espanha. A Europa surgiu como um todo quando, para se defenderem das vanguardas, os patriotas, académicos em arte, viram nelas uma expressão judaica, asiática e apátrida.

NUNO SIMÕES RODRIGUES

(Universidade de Lisboa)

*Representações do Êxodo no cinema:
de Cecil B. DeMille a Ridley Scott*

Palavras-chave: Êxodo, Cecil B. DeMille, Ridley Scott, Antiguidade e cinema.

Sendo o tema do Êxodo bíblico um dos pilares mítico-culturais da cultura ocidental, assentando numa estrutura narrativa que se repete noutras formulações tidas como igualmente matriciais ainda que de origens distintas (e.g. a *Eneida* de Vergílio), parece-nos ser da maior pertinência a análise das formas de representá-lo ao longo da História. Com efeito, o tema foi abordado e tratado ao longo dos tempos, na literatura e nas artes plásticas, como atestam e.g. o livro bíblico com o mesmo nome ou uma famosa tela de David Roberts, no século XIX. Interessa-nos agora, porém, a abordagem cinematográfica que os séculos XX e XXI fizeram do tema, quer pelo facto de estarmos perante a receção de uma temática antiga na cultura contemporânea (sendo da maior pertinência a análise das formas de apropriação ideológica que esta faz daquela), quer porque estamos perante um *medium* de comunicação de massas por excelência, através do qual os temas da Antiguidade, sempre privilegiados pela cultura ocidental desde a Idade Média, encontraram novas formas de retransmissão e de representação.

OLGA MARIA CASTRILLON-MENDES

(Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil)

Personagens em trânsito da prosa de ficção: memória e migração

Palavras-chave: romance, migração, memória, literatura “de margem”, Mato Grosso.

O caráter da literatura brasileira produzida em Mato Grosso/Brasil passa pelo sentido (e norteamanto) de um projeto delineado pelo trabalho dos intelectuais. As obras que condensam a historiografia literária acentuam o isolamento das regiões que mantinham comunicação com o centro hegemônico de produção através de precários meios fluviais ou terrestres com os quais, paradoxalmente, se ligavam ao mundo. Após a primeira metade do século XX delineia-se uma nova cartografia regional demarcada pelo trânsito entre as culturas oriundas dos movimentos migratórios, cujos antagonismos produziram, de maneira nem sempre harmoniosa, outras formas de criação artística e padrões sociais. Nessa perspectiva, vemos os primeiros romances escritos em Mato Grosso construídos em meio a essa “intensidade” histórica (Benjamin, 1985) entre a tradição a ser preservada e a modernidade a ser assimilada (ou rejeitada). Embora timidamente, a “periferia move-se” (Bosi, 2010) na/pela ação das personagens que se articulam no universo plural de sentimentos “estrangeiros” na obra literária. Essa duplicidade cultural produz visões de mundo diversas e formas de representação também diversas, o que não deixa de ser um ganho à cultura local, pois como fala Octávio Paz (1999), o romance é o lugar por excelência da representação literária da “outridade”.

Paulo Jorge Soares Teixeira

(Movimento Internacional Lusófono)

Representações da diáspora

Palavras-chave: micro-redes, grande rede, luta das armas, geometria euclidiana, projeto cultural, corpos dóceis.

Peter Sloterdijk, filósofo da comunicação, diz que os cidadãos do mundo já mal vivem nesta realidade (grande rede), pelo facto de não terem conseguido dominar os corpos dóceis na grande rede e acabaram por planejar a sua fuga para as micro-realidades, as micro-redes da grande rede.

O filósofo alemão, Peter Sloterdijk afirma através da seguinte citação: *“Entretanto, os cidadãos do mundo mais resolutos já mal vivem nesta terra – passaram a ser habitantes do país da Complexidade, viajantes da classe grande – vitesse, apressados passageiros em trânsito neste Hotel da Terra>>...”* (Sloterdijk, 2002: 228).

O filósofo salienta que os cidadãos do mundo resumem-se apenas a *“passageiros”* porque a maioria dos burgueses que fugiram para as micro-redes foram assassinados pelos corpos dóceis na grande rede onde foi feita essa chacina através da luta das armas.

O filósofo evidencia que os passageiros são *“apressados e em trânsito”*, pelo facto de terem fugido para as micro-redes e encontram-se, recentemente, na geometria não euclidiana, e a sua influência no exercício da verticalidade do poder vai transitar para uma plena horizontalidade.

PAULO JORGE TEIXEIRA CAVACO & ROSA MARIA SEQUEIRA
(CEMRI / Universidade Aberta)

A personagem migrante em As Mações Azuis

Palavras-chave: Edila Gaitonde, hibridez, identidade, literatura, migração, personagem.

A presente comunicação analisa a possibilidade da narrativa autobiográfica *As Mações Azuis: Portugal e Goa 1948-1961* (1987), de Edila Gaitonde, ser considerada uma obra de literatura de migração. Para tal, analisar-se-ão duas questões consideradas centrais na Literatura de Migração: a questão da identidade híbrida da personagem migrante e a questão da fronteira, aspetos intimamente relacionados entre si.

O percurso da protagonista é o de um ser migrante, marcado pela mudança e pelo movimento, que atravessou constantemente fronteiras, não só físicas mas também, e sobretudo, culturais, sociais, linguísticas e político-ideológicas. Em virtude de ter contraído matrimónio com um médico nacionalista hindu e opositor ao regime colonial português, os desafios enfrentados pela personagem estão marcados pelo seu encontro com o Oriente (ou com as diversas realidades sociopolíticas e culturais da Índia) aquando da mudança para essa parte do globo, assim como pelo combate político ao partilhar com o esposo os valores da democracia e o sonho de uma Goa independente.

A transposição constante de fronteiras repercutiu-se na identidade açoriana-portuguesa-católica-ocidental da protagonista, em resultado das relações de vária ordem (pessoais, familiares ou sociais) estabelecidas com a heterogeneidade de comunidades existentes em Goa — a comunidade portuguesa constituída pela população oriunda da metrópole e que estava no território ao serviço do Estado Português, representando-o, e as comunidades autóctones cristã e hindu de Goa. A integração da personagem nesse espaço sociocultural levou a uma reconfiguração da sua identidade, que se traduziu na formação de uma identidade híbrida, a qual favoreceu, por seu turno, o equilíbrio almejado pela personagem com vista a conciliar a sua identidade cultural ocidental com a das comunidades existentes no Oriente, particularmente a hindu, procurando evitar ou minimizar o choque cultural.

PAULO RICARDO KRALIK ANGELINI

(Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Brasil)

Paraíso perdido: um mesmo olhar sobre um Brasil distante

Palavras-chave: literatura portuguesa contemporânea, Brasil, identidade, estereótipo, imaginário, representação.

“Entretanto, parti em viagem ao Brasil. [...] Claro que poderá ter havido um apelo do exótico, acompanhado por aquela ideia fixa do português em geral de que o Brasil é sempre alegre, traz alegria, felicidade, bom humor, além de libertação erótica. Tudo e mais alguma coisa que é a maneira de o português (e não só) imaginar o Brasil”. O trecho, extraído de um romance publicado em 2015, poderia ter sido escrito no século XIX, tendo em vista a recorrência da construção de um Brasil que é espaço de exotismo e de (re)descoberta, tão comumente reproduzida no Romantismo. Eduardo Lourenço, na obra *A nau de Ícaro*, sublinha a existência de um esvaziamento nas relações Brasil-Portugal, e afirma que, para o Brasil, “Portugal não passa de um ponto vago num mapa”. Já do ponto de vista português, o Brasil ocuparia um lugar de destaque no imaginário: “é indubitável que os portugueses *conhecem melhor o Brasil* [...] do que os brasileiros, Portugal, o que, bem vistas as coisas, é natural. Mas a imagem que têm do Brasil é que é *extravagante*”. A afirmação de Lourenço é válida para, primeiramente, mostrar uma prolixidade de discursos literários portugueses que trazem personagens imigrantes no Brasil, e também para perceber que o Brasil aparece, na maior parte destas narrativas, como uma representação estereotipada, ou como afirma Lourenço, como uma imagem *extravagante*. É esta a discussão que pretendemos levantar nesta comunicação, apontando algumas dessas reiterações na elaboração imagética do Brasil, visto por portugueses em processo de deslocamento, em romances do século XXI da literatura portuguesa. Pretende-se, pois, debater as distorções neste processo de significação simbólica, muitas delas promovidas pela mídia, com o apoio teórico de nomes como, além de Lourenço, Homi Bhabha, Eric Landowski, Robert Stam, Zygmunt Bauman, Montserrat Guibernau, entre outros.

REINALDO FRANCISCO SILVA

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

*Darrell Kastin's The Conjuror & Other Azorean Tales: Border Crossings,
Ethnicity, Hybridity, Natural and Supernatural Occurrences*

Keywords: Darell Kastin, ethnicity, hybridity.

In *The Conjuror & Other Azorean Tales* (2012), Darrell Kastin, an American writer of Portuguese and Russian/Jewish background, revisits his Azorean ancestral roots through the lenses of magical realism and love for tracing one's ethnicity. This writer's attempt at mapping out and crossing over the borders of identity – American into Portuguese – through the fictional hybridity on display in this short story-cycle may somehow help most Portuguese Americans ponder the duality present in their everyday life: the humdrum of mundane daily life interspersed with the remnants of miracles, superstitions, witchcraft, magic charms and the evil eye brought to the diaspora in California by the older generations of immigrants or often met *in loco* by the subsequent generations upon revisiting the old country.

RICARDO ROCHA DINIZ

Mare Nostrum? Sobre o controlo das rotas e fluxos migratórios no Mediterrâneo

Palavras-chave: migração, Mediterrâneo, fluxo, rotas, geopolítica, controlo.

De acordo com a União Europeia, no ano de 2015 foram detetados 1.820.000 migrantes a tentar entrar ilegalmente no Espaço Europeu, um número seis vezes superior ao apurado no ano de 2014 (Frontex, 2016). O Mediterrâneo tem assistido nos últimos anos a uma vaga migratória sem precedentes. Fugidos de conflitos bélicos, de perseguições religiosas e étnicas, da discriminação por razão da sua orientação sexual ou da pobreza extrema, homens, mulheres e crianças das mais diversas nacionalidades têm vindo a tentar a sua sorte na travessia do Mar Mediterrâneo. Em busca de segurança e de uma vida melhor estes migrantes contratam redes criminosas de tráfico de migrantes (*migrant smuggling*), as quais providenciam pela sua viagem até ao primeiro país do Espaço Europeu e, muitas vezes, até ao país de destino final. Estas redes procuram as falhas dos sistemas de controlo fronteiriço dos países europeus de forma a serem bem-sucedidas no transporte dos migrantes. A União Europeia tem redobrado esforços no sentido de combater estas redes criminosas e conter a vaga de entradas ilegais de migrantes no território dos seus estados-membros. Quer através de uma política de cooperação operacional no campo do controlo de fronteiras externas quer através de acordos bilaterais com os últimos países de partida dos migrantes antes da chegada a Espaço Europeu, como é o caso atualmente da Turquia.

Tendo presente este contexto complexo da geopolítica das migrações, pretende a comunicação oral dar uma resposta válida à pergunta: “quem controla, de facto, as rotas e os fluxos migratórios no Mediterrâneo?”

ROSE DUROUX,
(Université Clermont-Auvergne, France)

*¿Fronteras o umbrales? El niño frente al paso de la frontera
durante el éxodo español de 1939. Mosaico de relatos*

Palabras claves: España, exilio, fronteras, éxodo, niño.

Toda rememoración es una puesta en escena, consciente o inconsciente, una escenificación de la que se ha de buscar la “cifra”. Es tanto más evidente en el caso de los relatos “fronterizos” cuanto que las fronteras se convierten en un punto – incluso en un absceso – de fijación del recuerdo. Las fronteras sorprendieron al niño al depararle, bruscamente, seres y cosas “raros”. El niño asombrado tuvo que examinar y cuestionar el mundo con una acuidad y una sensibilidad agudizadas. Son muchas las fronteras por cruzar, internas y externas, materiales e inmateriales, y todas hacen mella y dejan huella (a la ida como a la vuelta).

Las voces convocadas convergen en un insubmersible “asombro” – palabra que tomamos prestada de Ana María Matute – frente a “un mundo al revés”, frente a una desorientación brutal.

SABINE GOROVITZ

(Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasil)

Migrações e fronteiras no Distrito Federal: a integração linguística como garantia dos direitos humanos

Palavras-chave: migração, fronteiras, integração linguística, direitos humanos.

Temos aqui como principal objetivo apresentar um programa de pesquisa desenvolvido na Universidade de Brasília (UnB) a partir da implementação de um sistema de prestação de assistência linguística aos imigrantes que chegam em Brasília, capital do Brasil, em busca de condições mínimas de sobrevivência. Vale lembrar que o país tem recebido uma quantidade cada dia maior de imigrantes oriundos tanto da América latina, quanto de continentes mais distantes, como a África, Oriente Médio e a Ásia. Acreditamos que a implementação imediata de políticas migratórias é indispensável para a assimilação harmônica dessa população na sociedade brasileira, podendo evitar situações sociais dificilmente administráveis se levadas em consideração tardiamente.

Buscamos aqui portanto refletir sobre as fronteiras e barreiras linguísticas enfrentadas pela população imigrante que chega ao Distrito Federal em busca de melhores condições de vida, em sua relação com as diferentes instituições envolvidas direta ou indiretamente com essa comunidade (Defensoria Pública da União, Polícia Federal, Ministério das Relações Exteriores, Postos de saúde, Penitenciária, Centros de Detenção, ACNUR, ONGs, etc.). De fato, sabe-se que um dos principais obstáculos encontrados por essa população, no momento de sua chegada e nos primeiros contatos com as entidades de assistência, é linguístico.

Sugere-se assim que um sistema de comunicação linguisticamente inclusivo, tal como o que visamos implementar, será capaz de facilitar a gestão e eventual integração da população imigrante e refugiada aos sistemas de prestação de serviços públicos. Tal sistema visaria a formação e alimentação progressiva de um banco de intérpretes voluntários, além da constituição de bancos terminológicos multilíngues capazes de auxiliar os imigrantes na sua comunicação inicial com entidades governamentais do Distrito Federal. Desenvolvida no âmbito acadêmico, enquanto programa de extensão, essa iniciativa permitirá consolidar pesquisas anteriores, num contexto de ação social que engloba todas as competências desenvolvidas nos cursos oferecidos pelo Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução. Além disso, trata-se de fortalecer a formação profissional dos estudantes e colocar em prática os conhecimentos linguísticos que desenvolvem ao longo de sua formação. Serão também orientados sobre questões ligadas à manutenção dos direitos humanos e aos trânsitos de populações na atualidade.

SÉRGIO FERREIRA

(Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

O “Cavalo de Troia” que invadiu as “Terras de Miranda” – a construção das barragens em Miranda do Douro (1954-1964)

Palavras-chave: migrações, fronteira, línguas minoritárias, mirandês, barragistas, estigmatização social e linguística.

Esta apresentação enquadra-se numa investigação mais abrangente sobre a língua e cultura mirandesas, desenvolvida no contexto do doutoramento em Sociologia, cujo objetivo principal reside em explorar a temática das migrações internas ocorridas no momento da construção das três barragens em Miranda do Douro e que representou um singular confronto entre línguas e culturas, com consequências especiais para a língua mirandesa.

Esta investigação pretende contribuir para uma melhor compreensão da transformação social ocorrida na região onde se produziram sucessivas crises de reprodução cultural e linguística do mirandês e que atualmente se traduz num gradual processo de revitalização, na fase de pós-oficialização por lei, e de inversão de importantes fenómenos de substituição linguística consolidados nos últimos 60 anos (1950-2011). Neste contexto, esta apresentação pretende evocar uma focagem sobre um episódio da história local que interferiu nas fortes lutas simbólicas entre as duas línguas concorrentes (português e mirandês), que se antecipavam nos anos 50 e que explodiam em plena década de 60. Este fenómeno social associado à implantação do plano hidroeléctrico do Douro, tantas vezes esquecido, silenciado ou apenas minorado, residiu na construção das três barragens no rio Douro (Picote, Miranda do Douro e Bemposta), empreendimento realizado numa década (1954-64) e que implicou a “invasão”, através de migrações distintas, de cerca de 3000 barragistas, oriundos de várias regiões do resto do país.

Se, por um lado, na ordem psicológica pudemos assistir ao reforço de uma rotulagem e estigmatização da língua mirandesa, remetendo-a para espaços e domínios linguísticos mais privados onde a vergonha social não se fizesse sentir, por outro lado, é inegável reconhecer que inevitavelmente se operaram mudanças nos hábitos e práticas locais por força das inovações plasmadas no corpo, na voz, nos grupos familiares, nas danças e canções, na gastronomia e nas ideias dos incautos barragistas. Impositivos ou dialogantes, avançados ou retrógrados, estes barragistas podem ter introduzido, previamente ao impacto gerado pela emigração dos mirandeses, um vector de comparação sociocultural e de classe que permitiu a emergência de um espaço de transformação e mudança sociais num cenário que anteriormente se pautava por uma forte imobilidade e estagnidade sociais. A língua mirandesa, desconhecida para estes barragistas, sofreu um impacto que ainda hoje não foi devidamente situado no conjunto das restantes transformações sociais que ocorreram neste território e no resto do país.

SOFIA GIL DE CARVALHO

(CECH, Universidade de Coimbra; Bolseira FCT)

A representação da diáspora troiana em Estesícoro: dois retratos de uma fuga

Palavras-chave: colonização grega, Eneias, Estesícoro, *Magna Graecia*, Troia.

O tema da fuga dos Troianos na sequência da guerra encontra-se já em Homero que, apesar de não fornecer detalhes sobre o futuro dos sobreviventes de Troia, não deixa por isso de o anunciar (20.293-308). O episódio foi sendo revisitado e explorado noutras instâncias (e.g. *HH Aphr.* 196-9, *Pequena Ilíada* fr. 30 *GEF*, *Iliupersis* arg. 1d *GEF*). A nossa comunicação centra-se na análise de uma versão lírica do motivo da fuga dos Troianos: aquela do poeta do séc. VI a.C. Estesícoro de Hímera, em particular no seu *Saque de Troia*.

Estesícoro introduz duas importantes inovações no tratamento dos sobreviventes de Troia: Hécuba é resgatada por Apolo que a leva para a Lícia (fr. 109 F); e Eneias parte em direção a Oeste com os seus companheiros (fr. 105 F). Esta última informação, preservada numa tabuinha de mármore romana datada do séc. I d.C., apresenta Estesícoro como o precursor da versão de Eneias e dos troianos no Ocidente, o que pode ser considerado em paralelo com a recorrência da representação de Eneias em peças de arte datadas de entre os finais do séc. VI e início do séc. V a.C. encontradas na Sicília e em Itália, o que sugere a difusão do mito entre comunidades gregas e não-gregas.

O impacto da obra de Estesícoro, para quem o fenómeno da migração, do êxodo ou do exílio não seria certamente estranho, reside precisamente em trazer a si e à sua audiência estes míticos migrantes e a fazer deles parte integrante da ascendência do conjunto de comunidades em convívio (nem sempre pacífico) no Ocidente.

TERESA CRISTINA CERDEIRA

(Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)

O Esplendor de Portugal *ou da impossibilidade de aprender a liberdade*

Palavras-chave: neocolonialismo, Próspero, Caliban, fluxo de consciência.

Não será esta a primeira vez que as alegorias shakespearianas de Próspero e Caliban são utilizadas para referir o modelo colonialista, até porque esta era, com toda a certeza, uma linha de leitura fundamental para o autor de *A Tempestade*. A minha proposta intenta centrar-se no romance de Lobo Antunes – *O Esplendor de Portugal* – cujo título, como tantos outros do mesmo autor, é uma espécie de “ready-made” ou, em outras palavras, um recorte operado no sistema da cultura. Para tornar comprometidos significantes e significados, estruturas e significações na construção deste romance, pareceu-me produtivo aludir às referidas alegorias que denunciam, de um lado, a máscara dos brandos costumes portugueses e, de outro, a inequívoca incapacidade africana de escapar à fatalidade do lugar de escravo, falseando assim o sentido mesmo da liberdade. *O Esplendor de Portugal*, que desemboca num trágico impasse político, económico, sociológico e cultural, nos dá a ver uma grande farsa social sem qualquer possibilidade de remissão para nenhum dos lados convencionais de oprimido e opressor, rasurando qualquer possibilidade de aprender saudavelmente diante das consequências – nefastas e concretas – das opções assumidas e dos atos cometidos. Se também Shakespeare não redime seus personagens, se também para ele Próspero e Caliban não elidem as suas ambiguidades, ousaríamos dizer que Lobo Antunes vai mais longe no nihilismo e na tragédia, fazendo mergulhar seus anti-heróis em um grande teatro de máscaras que os insere definitivamente na mais extrema solidão, o que a organização romanesca dá a ver através de sua estrutura discursiva. É tão somente este o ponto que me interessa discutir.

TIAGO FERREIRA DA SILVA

(Doutorando, Universidade de Brasília, Brasil)

A Bíblia às avessas: uma releitura irônica do Gênesis no conto “Na arca”, de Machado de Assis

Palavras-chave: Bíblia, Machado-de-Assis, Arca-de-Noé, ironia, realidade histórica, contradição humana.

O trabalho pretende analisar de que modo o conto “Na arca”, de Machado de Assis, ao apropriar-se ironicamente do discurso bíblico presente no Gênesis, problematiza a ganância como reflexo da contradição humana e também discute questões relativas à realidade brasileira e seu processo de formação. O que se pretende mostrar é que a apropriação irônica do texto bíblico, conforme se vê no conto, relativiza algo tido como sagrado, de certa forma invertendo-lhe o sentido. Além disso, a estrutura narrativa do conto e a temática nele presente abrem espaço para uma reflexão sobre o universal, ao tratar da ganância humana desde os tempos imemoriais da Bíblia – o que se nota pela disputa entre os filhos de Noé –, até o século XIX, vide a menção na releitura machadiana à Guerra da Crimeia. Ao recorrer ao texto sagrado da cultura judaico-cristã – não fazendo citações como em outros textos, mas se apropriando, ironicamente, do peculiar discurso bíblico, Machado de Assis não só deixa clara certa relativização do que seria sagrado e, por consequência, intocável e absoluto, como também, pelo conteúdo que insere no discurso bíblico apropriado, uma problematização na tentativa de reinterpretação dos fatos narrados no Antigo Testamento, com intuito de discutir as contradições humanas, mas também, as questões históricas e políticas que a narrativa de “Na arca” deixa ver.

VERA MAQUÊA

(Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil)

Palimpsestos da memória em narrativas africanas de língua portuguesa

Palavras-chave: literaturas africanas, deslocamentos, Ngungunhane, memória, narrativa e política.

Neste trabalho apresentamos uma reflexão sobre migrações de memória no tecido de narrativas literárias que retomam a figura de Ngungunhane como *Leitmotiv* de suas elaborações estéticas e políticas, tendo como referência e foco obras da literatura moçambicana. Último chefe das terras de Gaza, ao sul do continente africano, Ngungunhane tem sido revisitado por vários escritores recentemente que abordam a história atual de Moçambique e sua articulação com o passado da região. O interesse literário do tema repousa, a nosso ver, sobre dois fundamentais pilares das relações entre ficção, história e memória na produção literária moçambicana: o primeiro diz respeito ao papel da literatura na construção da ideia de nação e o segundo delimita um campo político em que o presente é problematizado por meio de uma investidura crítica nos gestos do passado. A história, como registro, é confrontada com outra proposição de escrita, contrastando ainda com o mundo de oralidade que concebe a ordem do imaginário e do real nos países africanos de língua portuguesa. Assim, buscamos aproximar personagens e narradores, investigando suas consistências e formações ideológicas que traçam o desenho de uma visão humanista nova referenciada em valores que transitam pelas culturas dos respectivos países. Buscando apreender também o tratamento de tais valores, investigamos os diálogos que se construíram no campo literário e as formulações narrativas que se elaboraram no interior de experiências históricas marcadas pelo sonho revolucionário, pela resistência, pela guerra e pela construção de novas realidades. Nesse movimento, formas e temas migram, irrompem por fronteiras que se deslocam em que tanto narradores e personagens, quanto figuras da história se confluem na arena da narrativa.

XABIER PIKAZA IBARRONDO

(Universidad Pontificia de Salamanca, España)

Migración y trata. Un tema bíblico, un tema actual

Las condiciones de la migración, tráfico y trata de personas de la actualidad son muy distintas de las del tiempo de la Biblia, pero los problemas de fondo siguen siendo muy parecidos. Por eso, una visión de conjunto del tema en la Biblia es muy importante para entender y plantear los temas desde un punto de vista social y político, cultural y cristiano en la actualidad, año 2016.

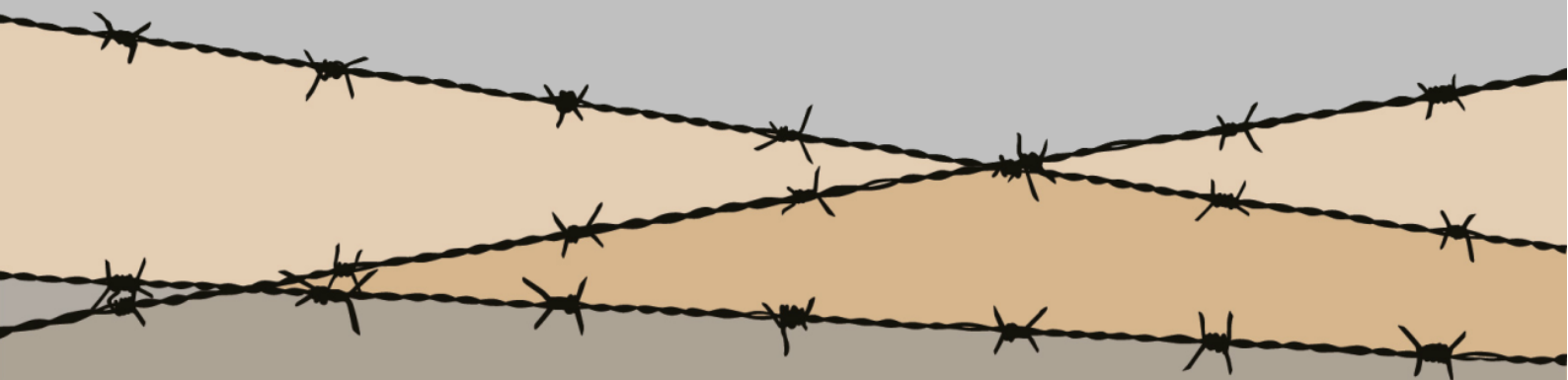
No se trata simplemente de conocer lo que ha habido, sino de plantear desde sus raíces los problemas, para iluminar de esa forma el camino y para encontrar nuevas respuestas culturales, sociales y humanas.

La Biblia no resuelve los problemas actuales, pues la situación social ha cambiado, pero ayuda a plantearlos con radicalidad. Éste es un tema que ha sido planteado desde el Antiguo Testamento, donde el mismo Dios, al comienzo del Decálogo, se define a sí mismo liberador de oprimidos: “Yo soy Yahvé, tu Dios, que te he sacado de Egipto” (Ex 20, 2; Dt 5, 6; cf. 1 Rey 12, 28; Jer 2, 6). En esa línea se sitúa un *credo histórico* muy antiguo, donde cada israelita afirma “mi padre (Jacob, Israel) era un arameo errante...” (Dt 26, 5-10).

Todos los occidentales, de raíz judeo-cristiana (y musulmana) nos consideramos “hijos de un arameo errante”, descendientes de múltiples migraciones... Este tema, unido al de la trata (compra-venta de personas, en especial de mujeres y niños) define de algún modo la historia bíblica, tal como culmina en Mt 25, 31-46, donde el Mesías de Dios dice “fui extranjero y me acogisteis... o no acogisteis”.

La Biblia es un libro realista donde el recuerdo de la historia más dura se entremezcla con leyes y caminos de liberación (de utopía), que siguen abiertos, de manera que tenemos que interpretarlos de un modo personal y social. No se trata, pues, de quedarse en la letra, repitiendo lo que dijo la Biblia en otro tiempo, sino de actualizarla, desde los principios culturales y sociales, políticos y nacionales de la actualidad.

Apoios



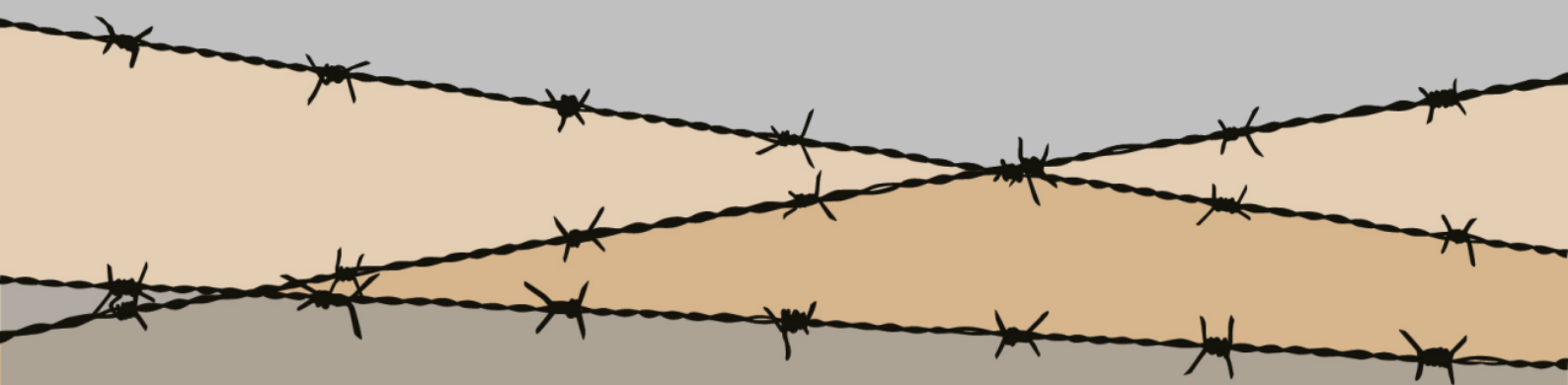
universidade de aveiro  **cllc** centro de línguas, literaturas e culturas

 **dlc** universidade de aveiro
departamento de línguas e culturas

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis